

6

A convivência dos intercambistas no Brasil: deslocamentos socioculturais no cotidiano nas pequenas cidades

O presente capítulo tem como foco a participação e inserção dos intercambistas nos ambientes sociais do cotidiano. Enquanto o capítulo 5 focaliza o processo inicial da grande narrativa de deslocamento, o capítulo 6 se volta para a vida dos estudantes no decorrer do intercâmbio.

Ao analisar a estadia dos intercambistas no Brasil e suas rotinas nas pequenas cidades do estado de Minas Gerais, vemos o posicionamento dos estudantes como estabelecidos, *outsiders*, ou como pessoas que ocupam um entre-lugar cultural. Da mesma forma, nos segmentos selecionados, é possível ver a construção do “eu” e do “outro”, bem como as mudanças no processo de categorização que estabelece as fronteiras entre o que é “eu/nós” e “outros/eles”.

Nas entrevistas de pesquisa, emerge o tópico das vidas cotidianas, passando pelas famílias, escola, rotina e a língua portuguesa. Todos esses aspectos estão relacionados aos deslocamentos dos intercambistas em suas vidas diárias, no período de intercâmbio e à configuração e reconfiguração de suas identidades no decorrer do processo de convivência com aspectos da vida “brasileira”.

6.1.

A convivência com as famílias

Esta seção apresenta segmentos relativos à convivência dos intercambistas com suas famílias brasileiras. Alguns deles chegaram a morar com três famílias diferentes (pelo programa de intercâmbio é previsto que os intercambistas se mudem, ficando na casa de três famílias diferentes no decorrer do período de intercâmbio). Outros, no entanto, moraram apenas com uma família, seja por escolha própria ou por mudanças no planejamento das famílias que os receberiam. Como veremos, os entrevistados, mediante a pergunta sobre as famílias, trazem as

categorizações (Schegloff, 2007), construídas na fala em interação, bem como avaliações sobre como são as famílias e como é morar com essas famílias .

(i) A entrevista com o grupo

A seqüência 19 (anexo 1) traz a co-construção na fala em interação, sobre a convivência nas famílias brasileiras, por Pat e Isaac, em comparação com as famílias americanas e mexicanas.

Seqüência 19

Entrevista em Grupo, 27 de setembro de 2007

50	Fernanda	what about your families here?
51	Pat	(i like it). it's different, my house is very quiet here,
52		because in the united states i have little brothers, they are
53		very loud and here i don't so it's very quiet. i'm not used to
54		it. hehe.
55	Fernanda	(is there someone at) the same age as you?
56	Pat	i have an eleven-year-old brother.
57	Fernanda	what about the others?
58	Isaac	my family in brazil is very different to mexico. for example,
59		my father is too crazy, my brazilian father is too crazy.
60	Todos	hehehe
61	Isaac	we are going to the street and and he shouts "ma filio
62		mexicano".
63	Todos	hehehe
64	Isaac	he is too crazy. >but he is good.<

Na entrevista em grupo, a entrevistadora pergunta sobre as famílias brasileiras dos intercambistas (L.50). Pat se auto-seleciona (Sacks, Schegloff & Jefferson, 2003) e começa com duas avaliações (“(i like it). it's different,” L.51) e então dá uma característica da sua casa no Brasil (“my house is very quiet here,” L.51) em oposição à sua casa nos Estados Unidos (“because in the united states i have little brothers, they are very loud and here i don't” L.52-53). Ela retoma a caracterização feita a respeito de sua casa brasileira (“so it's very quiet.” L.53) e faz outra avaliação, concluindo sua comparação (“i'm not used to it. hehe.” L.53-54). A entrevistadora muda o tópico, perguntando se tem alguém da idade dela em sua família (L.55) e ela nega, dizendo que tem um irmão de onze anos (L.56).

O turno é passado para os demais intercambistas (“what about the others?” L.57) e Isaac se auto-seleciona para responder. Ele começa com uma avaliação comparativa entre as famílias brasileira e mexicana (“my family in brazil is very different to mexico.” L.58) e em seguida caracteriza seu pai brasileiro (“for example, my father is too crazy, my brazilian father is too crazy.” L.58-59). O processo de dupla

categorização emerge na fala de Isaac, que contrapõe o “pai brasileiro” ao “filho mexicano”, ressaltando a identidade étnica dos personagens. Encorajado pelos risos dos demais participantes (“hehehe” L.60), Isaac usa o discurso direto instanciado de seu pai brasileiro (“we are going to the street and and he shouts “ma filio mexicano.” L.61-62), como uma forma de exemplificar como caracteriza seu pai brasileiro. Novamente todos riem (“hehehe” L.63) e Isaac retoma a caracterização de seu pai (“he is too crazy.” L.64), seguida de uma avaliação positiva (“>but he is good.<” L.64).

(ii) As entrevistas individuais

Na sequência 20 (anexo 2), Sophie fala sobre sua família brasileira. Ela caracteriza seu pai brasileiro em comparação com Homer Simpson.

Sequência 20

Sophie, Entrevista 1, 27 de setembro de 2007

63	Fernanda	heheh. oh god. and here? how is your family here?
64	Sophie	my family is just great. and i love my dad and my mum.
65		my dad is like homer simpson. he looks like homer
66		simpson and he has the humor of homer simpson. i love it.
67		heheh
68	Fernanda	how is it?
69	Sophie	hum?
70	Fernanda	how is it, having the humor of homer simpson?
71	Sophie	hehehe
72	Fernanda	what do you mean?
73	Sophie	ah. just like, funny (more as like). yeah i don't know. i have
74		a hamster and he calls pipoca, you know? and he is like,
75		“yes i'm going to eat pipoca in the microwave oven”.
76		heheh.
77	Fernanda	oh god.
78	Sophie	so he is making that joke. so ^o it's like this ^o . it is funny.
79		hehe
80	Fernanda	how many people are there in your family here?
81	Sophie	ah, hum. i have a brother and one brother (twenty-three
82		years old) but he studies in rio de janeiro. so when when
83		he comes, home in weekends, i don't see him often and if
84		a, if i see him he don't speak to me. so i don't really have
85		relationship you know ^o to him ^o . it's strange. i want i could
86		change that but, he just don't wanna talk to me. i don't
87		know why. hehe.

A entrevistadora define o tópico (família) e a orientação espacial (Brasil) através da pergunta “heheh. oh god. and here? how is your family here?” (L.63) e Sophie começa sua resposta com uma avaliação (“my family is just great.” L.64). Ela demonstra já estar estabelecida em sua família brasileira, dizendo que ama os

pais (L.64). Em seguida constrói a caracterização de seu pai brasileiro, comparando-o a Homer Simpson (“my dad is like homer simpson. he looks like homer simpson and he has the humor of homer simpson.” L.65-66) e avalia positivamente a caracterização de seu pai (“i love it. heheh” L.66-67). A entrevistadora pede mais explicações, através da negociação feita entre as linhas 68 a 72. Finalmente chega-se a um acordo e Sophie tenta explicar com outra caracterização (“ah. just like, funny (more as like).” L.73). Não achando suficiente, ela afirma “yeah i don’t know.” (L.73) e constrói o discurso direto instanciado (Tannen, 1989) do pai para mostrar o tipo de piada que ele costuma fazer e justificar a caracterização atribuída ao pai no início da resposta (“i have a hamster and he calls pipoca, you know? and he is like, “yes i’m going to eat pipoca in the microwave oven”. heheh.” L.73-76).

A entrevistadora faz uma avaliação (“oh god.” L.77) e Sophie comenta que é uma brincadeira (“so he is making that joke.” L.78).

A pergunta seguinte passa ao tópico sobre a quantidade de pessoas na família (L.80). Sophie hesita (“ah, hum.” L.81) e inicia uma pequena narrativa (Georgakopoulou, 2007), sobre um irmão que estuda fora. Ela dá a orientação com contextualização espacial no Rio de Janeiro (L.82-83). O evento não tem um tempo definido (so when when he comes, home in weekends, i don’t see him often and if a, if i see him he don’t speak to me L. 82-84), e mostra a falta de relacionamento entre eles. Ela traz a conclusão (“so i don’t really have relationship you know ^a to him ^a.” L.84-85) e em seguida faz uma avaliação (“it’s strange.” L.85). Para concluir a narrativa, Sophie faz outra avaliação, dessa vez a respeito de sua atitude, somada à de seu irmão brasileiro (L.85-87), concluindo então seu turno.

Na sequência 21 (anexo 6), Isaac narra a mudança de família (que é prevista pelo órgão promotor do intercâmbio) e, a pedido da entrevistadora, estabelece uma comparação entre as famílias com as quais conviveu.

Sequência 21

Isaac, Entrevista 2, 19 de março de 2008

202	Fernanda	entendi. e como é que era lá na outra casa?
203	Isaac	hum. era: diferente. aquela uma casa mais: hum, como
204		falar? mais comum no tão:, como falar? não sei como
205		decir. (no sei) mas é uma casa, no com tantos luxos que
206		fala, aqui mais:-
207	Fernanda	humhum
208	Isaac	então mas é. gostei muito também e são muito diferentes,
209		é: meus pais.
210	Fernanda	ah é?

211	Isaac	por exemplo, lá minha mãe lá era:, muito muito cala:da,
212		tranquila, aqui ela fala mais:
213	Fernanda	hehe
214	Isaac	mais brincalhona, alá o meu pai de lá minha primeira
215		família ele falava <u>muito</u> muito:: gosta, ele gosta de gritar:
216	Fernanda	he
217	Isaac	no gritar é: [brigando
218	Fernanda	[falar alto
219	Isaac	falar al:to é. e aqui são mais calmados, meu pai aqui es
220		mais velho e:: um um contraste muito diferente (né?)
221	Fernanda	e como é que foi a experiência de morar com famílias
222		diferentes?
223	Isaac	a experiência boa mas também é muito diferente. por
224		exemplo a minha família lá no México, eu agora eu estou
225		mais, como falar? estou mais tranquilo aqui porque minha
226		família lá no México onde eu moro e tudo é mais parecido
227		aqui agora minha segunda casa. então eu acho que foi
228		mais difícil acostumar-me minha primeira casa que foi
229		quando <u>eu</u> cheguei,
230	Fernanda	humhum
231	Isaac	é: e foi tudo diferente a como eu estava acostumado e
232		agora já troquei aqui aqui é mais mais bem parecido alá a
233		minha casa.

A entrevistadora pergunta a Isaac como era a primeira família que o recebeu (L.202). Isaac hesita e faz uma avaliação (“hum. era: diferente.” L.203) e começa então uma descrição de como era a casa, entremeada de hesitações e dúvidas na forma de se expressar (“aquela uma casa mais: hum, como falar? mais comum no tão:, como falar? não sei como decir. (no sei) mas é uma casa, no com tantos luxos que fala, aqui mais:-” L.203-206). Sua dificuldade de expressar o que quer dizer é demonstrada através da repetição da pergunta “como falar?”. A entrevistadora sinaliza que ele pode manter o turno (L.207) e ele faz uma avaliação comparativa entre as duas famílias (“então mas é. gostei muito também e são muito diferentes,” L.208) e começa a falar sobre seus pais (“é: meus pais.” L.209), mas é interrompido pela entrevistadora (“ah é?” L.210). Ele mantém o turno e faz uma comparação entre as duas mães e os dois pais brasileiros, intercalando entre passado e presente (“por exemplo, lá minha mãe lá era:, muito muito cala:da, tranquila, aqui ela fala mais:” L.211-212; “mais brincalhona, alá o meu pai de lá minha primeira família ele falava muito muito:: gosta, ele gosta de gritar:” L.214-215; “no gritar é: [brigando” L.217; “falar al:to é. e aqui são mais calmados, meu pai aqui es mais velho” L.219-220). As categorias construídas por Isaac para descrever suas duas famílias brasileiras não as estereotipificam. Ele conclui com uma avaliação (“e:: um um contraste muito diferente (né?)” L.220). Da linha 203 à

linha 220, a participação da entrevistadora restringe-se a sinalizar sua atenção na fala de Isaac.

Nas linhas 221 e 222, a entrevistadora pergunta sobre sua experiência de morar com estas duas famílias. Isaac começa com duas avaliações (“a experiência boa mas também é muito diferente.” L.223) e prossegue com uma narrativa para exemplificar sua fala (“por exemplo” L.223-224). Ele retoma as comparações, para destacar a segunda família em que se encontra e avalia como ele está se sentindo no Brasil (“eu agora eu estou mais, como falar? estou mais tranquilo aqui” L.224-225). Na comparação, inclui sua família mexicana como parâmetro (“porque minha família lá no México onde eu moro e tudo é mais parecido aqui agora minha segunda casa.” L.225-227), tanto em relação à família quanto em relação ao local onde mora, e conclui, trazendo a comparação entre o passado, quando ele chegou, e o presente (“então eu acho que foi mais difícil acostumar-me minha primeira casa que foi quando eu cheguei,” L.227-229; “é: e foi tudo diferente a como eu estava acostumado e agora já troquei aqui aqui é mais mais bem parecido alá a minha casa.” L.231-233) e se mostra como estabelecido em sua nova família brasileira, em contraposição ao entre-lugar que ocupava na primeira família que o recebeu.

A seqüência 22 (anexo 9) consiste em um segmento da segunda entrevista com Allan, no qual ele constrói uma comparação entre famílias brasileiras e famílias americanas, com base nos estereótipos nacionais representativos da coletividade.

Seqüência 22

Allan, Entrevista 2, 14 de março de 2008

172	Fernanda	que que cê acha assim, como é viver aqui no Brasil?
173		como que é a vida em família aqui no Brasil?
174	Allan	ah, as famílias são são muito mais perto, sabe? todo
175		mundo aqui sabe que americano são são mais fechado,
176		são são mais- não sei explicar (mesmo). tem amor lá,
177		mas aqui é mais aberto, mais pra fora, sabe? (cê
178		demonstram). eh: então, eu achei- tava muito diferente
179		quando eu cheguei aqui. eu tava vendo todas as coisas,
180		mas agora depois, depois de sete meses, sete- mais ou
181		menos sete meses, é tudo normal, é tudo normal para
182		mim, sabe? todas as coisas. a comida é normal, família
183		normal, cultura normal. é: minha vida agora.

A entrevistadora solicita que Allan descreva a vida em família no Brasil (L.172-173) e ele inicia com uma avaliação das famílias brasileiras (“ah, as famílias são são muito mais perto, sabe?” L.174). Em contraposição, ele caracteriza

as famílias americanas, utilizando-se de um estereótipo nacional americano (“todo mundo aqui sabe que americano são são mais fechado, são são mais- não sei explicar (mesmo). tem amor lá,” L.174-176) e volta à caracterização das famílias brasileiras em comparação com as famílias americanas, através de um estereótipo nacional brasileiro (“mas aqui é mais aberto, mais pra fora, sabe? (cês demonstram).” L.177-178). Ele faz a avaliação relacionada a sua chegada no Brasil (“eh: então, eu achei-tava muito diferente quando eu cheguei aqui. eu tava vendo todas as coisas,” L.178-179) e, em seguida, avalia sua posição no momento da entrevista, quando considera “tudo normal” (L.180-183).

Na conclusão de sua comparação, Allan coloca todos os aspectos concernentes ao Brasil em um mesmo patamar (comida, família, cultura L182-183), através do paralelismo sintático da repetição de substantivo + “normal” (adjetivo). Ao ressaltar estes aspectos da vida brasileira como “normais”, ele constrói-se como um estabelecido na vida brasileira (“é: minha vida agora.” L.183). Ele apresenta as diferenças avaliativas das famílias em sua chegada e no momento da entrevista, quando ele está no Brasil há aproximadamente sete meses. Apesar de reproduzir os estereótipos nacionais tanto dos Estados Unidos quanto do Brasil, Allan não tenta justificar esses estereótipos e reafirma uma caracterização da família americana vista como inferior, apesar de tentar amenizar esta afirmação com a frase “tem amor lá,” (L.176).

Na sequência 23 (anexo 11), Pat e a entrevistadora interagem a partir do tópico sobre as duas famílias brasileiras com as quais Pat morou.

Sequência 23

Pat, Entrevista 2, 20 de março de 2008

93	Fernanda	e aí que que cê faz?
94	Pat	ah: eu fico em casa tem meu irmão. ele tem (dezesseis)
95		anos também (dezesseis). ele estuda também, mas ()
96		muito não hehe aí eu bem fico aí vendo televisão,
97		qualquer coisa.
98	Fernanda	você se dá bem com seu irmão?
99	Pat	porque: quando eu cheguei eu vim numa churrasco. aí eu
100		conheci ele lá. a gente a gente era muito amigo. a gente
101		conversou muito. aí depois que eu fiquei sabendo que eu
102		ia morar na casa dele. aí eu gostei porque a gente ficou
103		<u>muito</u> amigo. é bom a gente conversa muito.
104	Fernanda	você tá o quê? na segunda família?
105	Pat	humhum
106	Fernanda	com- como que é morar na sua família agora?
107	Pat	eu gosto mais, porque a primeira não foi muito bom não,
108		porque: eu eu tinha um irmão também, mas ele tem acho

109		que doze anos. ele <u>morreu</u> de ciúmes, ele não gostou
110		muito. aí ele só ficou em casa no quarto dele com porta
111		fechada, ele nunca falou comigo, nunca. aí: e: minha mãe
112		ela trabalha muito, ela nunca tava em casa aí meu pai ele
113		só fica no quarto dele, ninguém conversa. aí eu sempre
114		fiquei no meu no meu quarto sozinha, ninguém conversa.
115		aí também eu morava muito longe, aí fica muito difícil
116		para fazer coisas e e tem que pegar ônibus pra ir na rua.
117		aí eu gastei muito dinheiro. hehe. mas aí ficou bem difícil.
118		mas agora eu mora aqui pertinho, eu moro na rua. essa
119		família é muito melhor, conversa muito.
120	Fernanda	como é que é a vida dessa família agora?
121	Pat	ah: a gente mora num hotel, aí minha mãe trabalha lá
122		então ela tá em casa todo dia o dia inteiro. aí meu pai, eu
123		ainda não entendo o que ele faz, hehe mas ele trabalha
124		aqui na cidade, mas ele viaja também muito. ele foi pra
125		juiz de fora, e- é. e: mas é minha mãe fica em casa todo
126		dia, aí ela conversa muito comigo. aí eu gosto disso.

O segmento acima insere-se após uma reclamação feita por Pat, relacionada ao fato de a cidade não ter muitas opções de atividades extra-escolares. A entrevistadora pergunta o que ela faz (L.93). De início, ela constrói a narrativa com foco na orientação de participantes somente com os hábitos (“ah: eu fico em casa” L.94), do que fazem ela e seu irmão brasileiro, também por ela caracterizado (“tem meu irmão. ele tem (dezesseis) anos também (dezesseis). ele estuda também, mas () muito não” L.94-96) e relata que ela fica em casa (“hehe aí eu bem fico aí vendo televisão, qualquer coisa.” L.96-97).

A entrevistadora faz outra pergunta (“você se dá bem com seu irmão?” L.98). Ela responde, retomando como conheceu seu irmão, com uma narrativa de passado com elementos estruturais semelhantes à narrativa laboviana. Ela traz inicialmente a orientação da narrativa (“porque: quando eu cheguei eu vim numa churrasco.” L. 99-100) e passa a seguir ao evento que ocorreu (aí eu conheci ele lá.” L.99-100). Faz uma avaliação (“a gente a gente era muito amigo.” L.100) e volta à ação principal (“a gente conversou muito” L. 100-101) e à conclusão (“aí depois que eu fiquei sabendo que eu ia morar na casa dele.” L.100-102). Para finalizar, faz uma nova avaliação da narrativa no passado, seguida da explicação para a mesma (“aí eu gostei porque a gente ficou muito amigo.” L.102-103) e faz uma avaliação no presente (“é bom a gente conversa muito.” L.103).

A entrevistadora faz uma pergunta buscando confirmar se Pat está morando com sua segunda família brasileira (L.104). Ela confirma (L.105) e a entrevistadora pergunta como é esta família (L.106). A resposta de Pat conduz a uma narrativa mais complexa, trazendo comportamentos e circunstâncias que

funcionam como justificativas para sua não adaptação à família, com fatos reportáveis. Pat inicia sua resposta com uma avaliação positiva em relação à segunda família (“eu gosto mais,” L.107) e faz uma avaliação negativa sobre morar com a primeira família (“porque a primeira não foi muito bom não,” L.107). Traz a caracterização do participante principal, o irmão (L.108-109), e o motivo principal da falta de adaptação, os ciúmes do irmão (“ele morreu de ciúmes, ele não gostou muito.” L.109-110) e a consequência (“aí ele só ficou em casa no quarto dele com porta fechada, ele nunca falou comigo, nunca” L.110-111). Pat, no entanto, trará ainda os outros participantes da família, em sua narrativa, dando mais intensidade a sua dificuldade de adaptação à nova família: a sua mãe, que passa a maior parte do tempo fora de casa por conta do trabalho, e seu pai, que não costumava conversar com ela (L.108-113). A consequência da atitude das pessoas da família faz com que ela se veja como *outsider* (“aí eu sempre fiquei no meu no meu quarto sozinha, ninguém conversa.” L.113-114). Pat destaca ainda a distância como um segundo ponto (“aí também eu morava muito longe,” L.115). Faz uma avaliação a respeito da distância (“aí fica muito difícil para fazer coisas” L.115-116), a consequência (“e e tem que pegar ônibus pra ir na rua.” L.116) e o resultado que isso teve para ela (“aí eu gastei muito dinheiro. hehe.” L.117). Retoma a avaliação, com a finalização da narrativa (“mas aí ficou bem difícil.” L.117).

O segundo ponto que ela contrapõe, a distância, traz a orientação de outra narrativa, iniciada com “mas” (“mas agora eu mora aqui pertinho, eu moro na rua.” L.117-118) e a avaliação positiva (“essa família é muito melhor, conversa muito.” L.118-119). A entrevistadora co-constrói a narrativa, com a pergunta “como é que é a vida dessa família agora?” (L.120). Pat traz a orientação espacial e temporal (“ah: a gente mora num hotel,” L.121) para em seguida narrar a rotina de sua mãe e de seu pai (L.121-126). Apesar de ambos trabalharem, o fato de sua mãe atual trabalhar no local onde reside faz com que ela esteja presente na vida de Pat, que se sente estabelecida na segunda família. Ela conclui a narrativa com uma avaliação (“aí eu gosto disso.” L.126). Não há fatos reportáveis, mas um relato com os hábitos da atual família, que possibilitam a convivência. Pat traz assim narrativas entrelaçadas (Norrick, 2005), co-construídas mediante perguntas da entrevistadora, que justificam não ter conseguido conviver bem com sua primeira família e com razões de sua avaliação positiva de convivência com a família atual.

Na sequência 24 (anexo 13), temos outro estudante, Dave, que fala também sobre sua segunda família brasileira (com a qual ele estava morando no período da segunda entrevista individual).

Sequência 24

Dave, Entrevista 2, 17 de março de 2008

62	Fernanda	and: what about the the family, how, how is living with the
63		family here?
64	Dave	this family is very good. eh: i have four siblings, >like< one
65		brother and three sisters and the mum:, she is crazy, she
66		wants to do things all the time. and my dad, he: he is good
67		but he works a lot, and and here i live in the middle of, the
68		city and i can go where i want and they: they are lovely
69		here. they give love to you. a very good family.
70	Fernanda	this is the second family?
71	Dave	ye. and now i stay here. i decided to stay here.
72	Fernanda	oh. ok. so you you have not to go to the third
73	Dave	yeah.
74	Fernanda	^a family ^a >what about the first ()< different?
75	Dave	yes, it was. ahn i have one sister but she need to study to
76		vestibular, vestibular. and we lived out of to- town so i
77		need to be driven all the time. so i didn't do so many
78		things () quiet things. but now i go out. because i can
79		walk.
80	Fernanda	so do you feel better?
81	Dave	yeah. but i like the- last family but here is better.
82	Fernanda	ok. what about eh- when did did you change family?
83	Dave	uhn. it was in:: (.) (october) november
84	Fernanda	ok

A avaliação é sugerida na pergunta da entrevistadora (“and: what about the the family, how, how is living with the family here?” L.62-63). Dave inicia com a avaliação (“this family is very good.” L.64) e passa à descrição da quantidade de irmãos na família (“eh: i have four siblings, >like< one brother and three sisters” L.64-65). Comenta sobre sua mãe brasileira, fazendo primeiro uma avaliação e depois detalhando sua rotina, no presente (“she is crazy, she wants to do things all the time.” L.65-66) e, em seguida, faz uma avaliação e comenta a rotina de seu pai brasileiro (“and my dad, he: he is good but he works a lot,” L.66-67). Ele muda o tópico para a distância em relação ao centro da cidade, que era um problema em relação à primeira família. Nesta segunda casa, a localização é um ponto positivo (“and and here i live in the middle of, the city and i can go where i want” L.67-68). Dave volta ao tópico da família, concluindo este trecho da pequena narrativa de presente (Georgakopoulou, 2007) com as avaliações (“and they: they are lovely here. they give love to you. a very good family.” L.68-69).

A entrevistadora confirma se esta é a segunda família (L.70) e Dave responde afirmativamente e comenta que decidiu ficar nesta família até o final do intercâmbio (L.71). A entrevistadora afirma que ele não tem que ir para a terceira família (L.72) e ele confirma que não, concordando com a frase da entrevistadora (L.73). A entrevistadora solicita uma comparação entre a primeira e a segunda famílias (L.74). Dave confirma a avaliação feita pela entrevistadora no turno anterior, de que as famílias são diferentes (L.75) e inicia uma pequena narrativa no passado (Georgakopoulou, 2007). Ele apresenta sua irmã, na primeira família (“ahn i have one sister but she need to study to vestibular, vestibular.” L.75-76), a distância da casa para o centro da cidade (“and we lived out of to- town so i need to be driven all the time” L.76-77), seguida da resolução (“so i didn’t do so many things () quiet things.” L.77-78) e conclui com a retomada de sua pequena narrativa de presente (Georgakopoulou, 2007), que se contrapõe à narrativa de passado (“but now i go out. because i can walk.” L.78-79), indicando sua maior liberdade na segunda família que o recebe. A entrevistadora faz outra pergunta, co-construindo a avaliação (“so do you feel better?” L.80) e Dave se posiciona positivamente em relação às duas famílias, apesar de avaliar de forma mais positiva a segunda família (“yeah. but i like the- last family but here is better.” L.81). A entrevistadora pergunta sobre a orientação temporal em relação a quando Dave se mudou para a segunda família (L.82) e Dave responde (“uhn. it was in: (.) (october) november” L.83).

A co-construção das famílias brasileiras, em todos os casos analisados acima, é feita a partir das perguntas da entrevistadora e os estudantes fazem comparação entre as famílias no âmbito da nacionalidade, quando a comparação é feita entre a sua família de origem e a brasileira, ou entre duas ou três famílias brasileiras no processo de intercâmbio. Os dados apontam para o posicionamento dos entrevistados como estabelecidos na segunda família que os recebe e mostra algumas dificuldades de relacionamento na primeira família onde ficam hospedados, nos casos de Isaac, Pat e Dave. Sophie e Allan permanecem com a mesma família por todo o tempo do intercâmbio e se mostram como estabelecidos em suas famílias.

6.2.

A participação na escola

A escola, no processo de intercâmbio, deveria se mostrar como local importante para a construção de entre-lugar cultural para estes jovens estudantes, já que no contexto pedagógico espera-se a inserção mais rápida dos intercambistas que, lá, entram em contato com pessoas de sua faixa etária.

Nesta seção, destaco a interação e convivência dos intercambistas em suas escolas que, como veremos, muitas vezes é bastante restrita.

(i) A entrevista com o grupo

Na sequência 25 (anexo 1), na entrevista em grupo, a entrevistadora e os estudantes estabelecem como tópico conversacional orientações em relação às séries de cada entrevistado em seus países e no Brasil. Este tópico se expande, na negociação entre entrevistados e entrevistadora, e outros subtópicos do ambiente escolar emergem. Como coloca Georgakopolou (2007, p.50), pequenas narrativas são partilhadas em um dado grupo, a partir de experiências em comum. Nessa entrevista, o grupo de estudantes partilha de experiências no âmbito da escola.

A primeira pergunta da entrevistadora é se eles concluíram o “ensino médio” em seus países (L.296-297).

Sequência 25a

Entrevista em Grupo, 27 de setembro de 2007

296	Fernanda	no other chance? wow. what about school there? i mean,
297		did you finish school there?
298	Pat	no. i still have one year left, when i get back.
299	Isaac	i finished the high school, in mexico.
300	Fernanda	and here you are-
301	Isaac	in the second grade.
302	Pat	i'm in the second grade too. the second year high school.
303	Fernanda	it corresponds to what you were doing there.
304	Pat	humhum

Pat se auto-seleciona e apresenta uma pequena narrativa de futuro planejado (Georgakopoulou, 2007), dizendo que ainda terá que cursar mais um ano, quando retornar (L.298). Isaac então se auto-seleciona e traz uma pequena narrativa (Georgakopoulou, 2007) cuja orientação está no passado, no México (“i finished the high school, in mexico.” L.299). A entrevistadora volta a orientação para

o momento atual, no Brasil e pergunta que série eles estão cursando atualmente (L.300). Isaac responde (“in the second grade.” L.301) e Pat diz que também está no segundo ano (L.302). A entrevistadora afirma que corresponde ao que ela estava cursando nos Estados Unidos (L.303) e Pat concorda (L.304).

Allan se auto-seleciona para narrar sua posição.

Seqüência 25b

305	Allan	i'm in the third year here and i would be in my last year
306		high school there but when i return (^a i'll be graduating ^a)
307		cause i get a couple of credits.

Ele inicia com a orientação temporal no presente e espacial no Brasil (“i'm in the third year here” L.305) e faz uma pequena narrativa (Georgakopoulou, 2007) hipotética de presente relativa à orientação espacial nos Estados Unidos (“and i would be in my last year high school there” L.305-306), seguida da pequena narrativa de futuro planejado somada à explicação da mesma (“but when i return (^a i'll be graduating ^a) cause i get a couple of credits.” L.306-307).

Marie se auto-seleciona para fazer sua pequena narrativa de passado (Georgakopoulou, 2007), na Bélgica (“i've finished the traditional school in belgium.” L.308) seguida da narrativa de presente, no Brasil, junto da explicação da mesma (“and here i'm in the second grade because the third is very stressful.” L.308-309).

Seqüência 25c

308	Marie	i've finished the traditional school in belgium. and here i'm
309		in the second grade because the third is very stressful.
310	Todos	hehe
311	Marie	so ()
312	Fernanda	did you try the third?
313	Marie	hum?
314	Fernanda	did you <u>try</u> the third?
315	Marie	no. the school decided to put me there. hehe. in the
316		second () the whole system.
317	Fernanda	did you like their decision?
318	Marie	oh, yeah. they are the same age so-
319	Allan	yeah if i could have been put in the second year i would
320		have liked it more because [()
321	Marie	[they have more time.

Todos riem, e Marie faz um comentário cuja gravação fica obscura e então a entrevistadora pergunta se ela tentou cursar o terceiro ano (L.312). A pergunta não é compreendida por Marie (L.313) e é repetida pela entrevistadora, mudando

apenas a entonação do verbo. Marie narra a decisão como sendo da escola (L.315-316). A entrevistadora pergunta se ela gostou da decisão (L.317) e Marie diz que sim, e acrescenta que os alunos têm a mesma idade dela (L.318). Allan então se auto-seleciona para continuar no tópico apresentado por Marie. Ele apresenta uma pequena narrativa (Georgakopoulou, 2007) hipotética de passado (“yeah if i could have been put in the second year i would have liked it more because [()” L.319-320) e é interrompido por Marie, quando tenta apresentar o motivo de sua preferência, impossibilitando a escuta do final de sua fala.

Marie completa a fala de Allan (“[they have more time.” L.321), prevendo o que ele diria e Allan retoma o turno, completando sua frase (“the time they work here.” L.322) e trazendo uma frase introdutória de pequena narrativa (Georgakopoulou, 2007) de futuro (“see what’s gonna happen to me is” L.322-323), seguida da pequena narrativa de presente (“i made all, i make friends all in the third year here so, in ah [()” L.323-324) encaixada na pequena narrativa de futuro planejado, que é continuada, mesmo com a interrupção de Marie (L.326-329).

Seqüência 25d

322	Allan	the time they work here. see what’s gonna happen to me is
323		i made all, i make friends all in the third year here so, in ah
324		[()
325	Marie	[()
326	Allan	change after summer they they’re all gonna leave and go
327		to universities and i’m just gonna have to go right back into
328		the third year again and actually be with the second year
329		students.
330	Fernanda	ok
331	Allan	so being the second year for them and making friends with
332		them they are gonna be with them throughout the (boys)
333		change.

A entrevistadora demonstra atenção (“ok” L.330) e Allan mantém o turno e constrói uma pequena narrativa (Georgakopoulou, 2007) comparativa de presente, como forma de mostrar seu ponto de vista (“so being the second year for them and making friends with them they are gonna be with them throughout the (boys) change.” L.331-333). Marie apresenta uma pequena narrativa de futuro planejado (“well, i have i’ll have to restart in the second year.” L.334) usada para contra-argumentar o posicionamento de Allan, dizendo que terá que refazer o segundo ano.

Seqüência 25e

334	Marie	well, i have i’ll have to restart in the second year.
-----	-------	---

335	Allan	oh, really?
336	Marie	yeah.
337	Fernanda	why?
338	Marie	i don't know. i asked () if i can go with my class to the
339		third year but probably they are going to say no and i have
340		to start again in another class with the second year.
341	Fernanda	i don't know probably [()
342	Allan	[yeah
343	Fernanda	()

Allan demonstra interesse pela fala de Marie (L.335) e, como ela só responde “yeah.” (L.336), a entrevistadora insiste (“why?” L.337) e Marie retoma o turno, trazendo uma pequena narrativa de passado (Georgakopoulou, 2007) – “i asked () if i can go with my class to the third year” L.338-339 – encaixada em uma pequena narrativa (Georgakopoulou, 2007) hipotética de futuro (“but probably they are going to say no and i have to start again in another class with the second year.” L.339-340). A entrevistadora então tem dois turnos incompreensíveis, que contam com o apoio de Allan.

Marie retoma o turno com uma narrativa de passado, para exemplificar seu ponto (L.344-346).

Seqüência 25f

344	Marie	they had eh:: some exchange students before and they all
345		did () start the last part of the second year and then
346		restart with another class.
347	Fernanda	oh
348	Marie	because i i go to [(nome do colégio)]. it's very hard, very,
349		well, they say it's a very disciplined school.
350	Fernanda	they say? hehe
351	Marie	yes. in belgium terms it's not discipline. hehe.
352	Allan	hehe
353	Marie	hehe. it's kind it's it's different from belgium.
354	Fernanda	can you give me an example?
355	Marie	uhm. they are freely, noisy. in in belgium we can't just walk
356		around and
357	Pat	yes
358	Marie	eh: he- they just walk around they talk they () they're all
359		playing games and listening to music they take pictures, in
360		belgium we can't do that.
361	Pat	we can't do that in the united states ()
362	Marie	yeah
363	Fernanda	but it's different ()
364	Pat	a lot
365	Marie	but i do know my school is different from sophie. sophie
366		goes to [(nome do colégio)], here in juiz de fora and her
367		classes give her more free.
368	Fernanda	ah ok. () more discipline, i don't think so. hehe
369	Marie	so:, it's different.

Como a entrevistadora demonstra atenção (“oh” L.347), Marie prossegue, apresentando o nome do colégio, seguido da avaliação (“because i i go to [(nome do colégio)]. it’s very hard, very, well, they say it’s a very disciplined school.” L.348-349). A entrevistadora questiona então, rindo, a forma que Marie faz a avaliação, usando a terceira pessoa do plural para construir o discurso indireto de pessoas não identificadas isentando-se da opinião dada (“they say? hehe” L.350). Ela então responde, levando a orientação espacial para a Bélgica e estabelecendo uma comparação (“yes. in belgium terms it’s not discipline.” L.351).

Allan ri (“hehe” L.352) e Marie mantém o turno, fazendo uma avaliação comparativa (“hehe. it’s kind it’s it’s different from belgium.” L.353). A entrevistadora pede um exemplo (L.354) e ela faz uma avaliação (“uhm. they are freely, noisy.” L.355) e apresenta uma comparação com a Bélgica (“in in belgium we can’t just walk around and” L.355-356). Pat concorda (“yes” L.357) e Marie mantém o turno, fazendo uma pequena narrativa (Georgakopoulou, 2007) de presente, no Brasil (“eh: he- they just walk around they talk they () they’re all playing games and listening to music they take pictures,” L.358-359) cuja resolução se dá com outra comparação com a Bélgica (“in belgium we can’t do that.” L.359-360). Pat reforça a resolução de Marie, levando a orientação para os Estados Unidos (“we can’t do that in the united states ()” L.361). Marie concorda (L.362) e a entrevistadora traz uma avaliação, cujo término fica incompreensível (“but it’s different ()” L.363). Pat responde (“a lot” L.364) e Marie toma o turno, trazendo agora uma pequena narrativa (Georgakopoulou, 2007) com foco na diferença entre dois colégios de Juiz de Fora (L.365-367). A entrevistadora então discorda que o outro colégio seja mais disciplinado (L.368) e Marie apresenta a resolução (“so:, it’s different.” L.369).

A entrevistadora passa o turno para Isaac, através da pergunta “what about you? any differences in school?” (L.370).

Seqüência 25g

370	Fernanda	what about you? any differences in school?
371	Isaac	yeah. in mexico we have a uniform and in brazil only a
372		jeans and a t-shirt.
373	Fernanda	what about students? do they behave differently?
374	Isaac	no. it’s the same to mexico.
375	Allan	in the school here () are college life, ah: because: when
376		we got a college it’s like the students are are kind of more
377		on their own, and they choose you know, they say you
378		know “i’m paying for this i’m paying for this education so i

379		wanna go to class" uhm and you know in our school ()
380		high school in the united states it's we are really paying for
381		it ahm but you you have to go, you have to go and they
382		take attendance everyday and they they are very strict
383		about that here it's it's it's more the same like college type
384		like "ok, i guess i don't have to go cause they are not
385		taking roll call or anything but i'm paying for it so i wanna
386		go and i wanna learn" that that's why some some of the
387		students go and just talk all day
388	Pat	yeah
389	Allan	don't learn anything.
390	Pat	yeah. (.) and we don't have a uniform like mexico in the
391		united states. i don't know if you do.
392	Allan	no.
393	Pat	but if you- a lot of schools in the united states don't have
394		uniforms. but it's not bad. just jeans and a t-shirt.
395		(4.0)

Isaac traz um elemento que ele considera diferente, que é o uso do uniforme (L.371-372) e a entrevistadora então volta o foco para o comportamento dos alunos (L.373). Ele nega diferença de comportamento entre os alunos do México e do Brasil (L.374). Allan toma o turno e traz a orientação para o Brasil, no presente, através do resumo ("in the school here () are college life," L.375) e então passa à pequena narrativa (Georgakopoulou, 2007) de presente, construindo o discurso direto dos alunos (Tannen, 1989), nos Estados Unidos (L.375-383) e continua, voltando a orientação espacial para o Brasil, construindo também o discurso direto dos alunos, em oposição ao discurso dos alunos norte-americanos (L.383-386) e apresenta a resolução ("that that's why some some of the students go and just talk all day" L.386-387).

Pat se alinha com Allan, concordando (L.388) e Allan conclui ("don't learn anything." L.389). Pat concorda novamente e toma o turno, voltando ao tópico do uniforme escolar, apresentado por Isaac ("yeah. (.) and we don't have a uniform like mexico in the united states." L.390-391). Como em sua fala ela faz a comparação entre o México e os Estados Unidos, ela passa o turno para Allan, confirmando se onde ele mora eles também não usam uniforme (L.391). Allan confirma que não (L.392) e Pat mantém o turno, reafirmando o que havia dito anteriormente ("but if you- a lot of schools in the united states don't have uniforms." L.393-394), acrescentando uma avaliação ("but it's not bad." L.394) e apresentando a roupa que usam no lugar do uniforme, como resolução (L.394). Quatro segundos de silêncio se seguem a este trecho.

A entrevista em grupo proporciona a apresentação de experiências em comum, levando a segundas narrativas que têm como base comentários já feitos. Nesta parte da entrevista todos os intercambistas apresentam os aspectos que diferenciam a escola brasileira da escola em seus países, mais especificamente no que toca ao comportamento dos alunos. Apenas Isaac foca a diferença no uniforme, afirmando não ter notado diferença no comportamento dos alunos. Como veremos nas entrevistas individuais, essa primeira entrevista em grupo serve de pista para mostrar alguns deles como *outsiders* no contexto escolar brasileiro.

(ii) As entrevistas individuais

A sequência 26 (anexo 3) é parte da segunda entrevista individual com Sophie. Neste segmento, ela se representa como *outsider* no processo de escolarização no Brasil.

Sequência 26a

Sophie, Entrevista 2, 14 de março de 2008

64	Fernanda	e na escola, como é que tá?
65	Sophie	chato. chato, chato, chato.
66	Fernanda	mas você continua- você mudou de escola? foi isso, não?
67	Sophie	é: não. eu: tô no terceiro ano do [(nome do colégio)], mas
68		é muito chato.
69	Fernanda	por quê?
70	Sophie	porque os professores não gostam de mim. hehehe
71	Fernanda	por <u>quê</u> ?

Esta sequência da entrevista é iniciada com uma pergunta sobre a escola de Sophie (L.64) e ela responde com uma avaliação (“chato. chato, chato, chato.” L.65). A entrevistadora pergunta se ela mudou de escola (L.66), Sophie diz que não, situa seu momento na escola (“é: não. eu: tô no terceiro ano do [(nome do colégio)],” L.67) e repete a avaliação da escola como chata (“mas é muito chato.” L.67-68). A entrevistadora pergunta “por quê?” (L.69) e Sophie diz que os professores não gostam dela (L.70) e então a entrevistadora pergunta novamente “por quê?” (L.71).

Sequência 26b

72	Sophie	não, porque, aqui, eu não preciso de notas, né? não
73		preciso de fazer provas. então eu sento lá, e normalmente
74		não pode falar, não pode, desenhar, não pode, qualquer
75		uma coisa minha, precisa de fazer exercícios, precisa de

76		(todos eles). não dá. eu esquece coisas, eu dorme.
77		hehehe ()
78	Fernanda	mas você entende as coisas das aulas?
79	Sophie	eu entende, entende sim, mas é muito (fácil) pra mim
80		agora eu (vi as coisas) eu vi já três- quatro anos atrás.
81		então é muito chato. eu “que isso, é muito fácil” hehe.
82	Fernanda	mas você continua com a mesma turma?
83	Sophie	não, o tur- o turmas mudou, né? agora tô: no novo,
84		totalmente novo.
85	Fernanda	ah é?
86	Sophie	é. no começo foi difícil, né? mas agora tô bem.

Sophie se posiciona como *outsider* no contexto escolar, já que, diferentemente dos alunos brasileiros, ela não precisa fazer as provas, mas também não tem permissão para fazer outras atividades no horário das aulas. Ela mantém esta posição (L.79-81) ao mostrar que as matérias dadas são, para ela, muito fáceis, já que já as estudou há três ou quatro anos.

A entrevistadora pergunta se ela entende as aulas (L.78) e ela afirma que sim (L.79), faz uma avaliação (“mas é muito (fácil) pra mim agora” L.79), inicia uma pequena narrativa (Georgakopoulou, 2007) encaixada de passado (“eu (vi as coisas) eu vi já três- quatro anos atrás.” L.80) e faz mais duas avaliações, sendo a segunda através da construção de seu discurso direto (“então é muito chato. eu “que isso, é muito fácil” hehe.” L.81). A entrevistadora pergunta se Sophie continua com a mesma turma (L.82) e Sophie diz que a turma é nova (L.83-84). Depois que a entrevistadora demonstra atenção (“ah é?” L.85), Sophie faz uma avaliação referente ao passado e outra referente ao presente (“é. no começo foi difícil, né? mas agora tô bem.” L.86).

A pergunta seguinte é se ela fez o segundo ano escolar, no ano anterior (L.87), já que alguns intercambistas fariam a mesma série escolar nos dois anos.

Seqüência 26c

87	Fernanda	mas você ano passado fez o segundo ano, né?
88	Sophie	humhum.
89	Fernanda	e agora que você foi pro terceiro. () o terceiro agora.
90	Sophie	terceiro ()
91	Fernanda	tem alguma matéria que você gosta lá, pelo menos? ou
92		não?
93	Sophie	menos (ou mais?)
94	Fernanda	alguma que você gosta.
95	Sophie	ah eu sempre gostei de de matemática, de: história.
96	Fernanda	mas [aqui
97	Sophie	[geografia
98	Fernanda	você tá gostando?
99	Sophie	aqui também mas só os professores são muito chatos,

100	sabe, sempre fala, fala, fala, fala, fala.
-----	--

Sophie afirma que sim (L.88) e então a entrevistadora reafirma que agora ela foi para o terceiro ano (L.89) e ela mais uma vez diz que sim (L.90). A entrevistadora pergunta se tem alguma matéria que ela gosta (L.91-92), ela mostra dúvida em relação à pergunta (“menos (ou mais?)” L.93) e a entrevistadora refaz a pergunta (“alguma que você gosta.” L.94). Sophie responde as matérias que ela sempre gostou (“ah eu sempre gostei de de matemática, de: história.” L.95; “[geografia” L.97) e a entrevistadora refaz a orientação (“mas [aqui” L.96) e a pergunta (“você tá gostando?” L.98). Ela diz que aqui também gosta, e faz uma avaliação sobre os professores, exemplificando (“aqui também mas só os professores são muito chatos, sabe, sempre fala, fala, fala, fala, fala.” L.99-100). A repetição de “fala”, por cinco vezes seguidas, é usada de forma a enfatizar a ação (Tannen, 1989).

A entrevistadora pergunta se Sophie tem algum amigo na escola (L.101-102).

Seqüência 26d

101	Fernanda	mas com seus é colegas de turma, tem tem algum amigo lá?
102		
103	Sophie	tem. tem muitos. ai. não, amigos não. mas só a gente
104		conversa (um pouco). mas no começo eu falei com um
105		professor que eu tinha, que eu sou intercambista, o
106		professor de de português. ela ficou assim “AH É
107		VERDADE. ESSA É A SOPHIE”, PRA TODO MUNDO,
108		“ESSA É A SOPHIE, ELA É INTERCAMBISTA, ELA, NO
109		MOMENTO ELA NÃO FALA PORTUGUÊS MAS AGORA
110		ELA TÁ INDO BEM, MAS AGORA TEM, TEM ALGUMAS
111		PALAVRAS ELA NÃO ENTENDE ENTÃO EU QUERO
112		QUE VOCÊ AJUDE ELA, FALA COM ELA, CONVERSA
113		COM ELA, VÊ CULTURA”. ela fica falando de mim umas
114		dez minutos, e eu toda vermelha, todo mundo olhando pra
115		mim. hehe. <u>ninguém</u> - todo mundo tava com: vergonha de
116		falar comigo, depois. muito chato. eu “oh meu deus, não
117		vai falar mais com [ninguém
118	Fernanda	[hahaha
119	Sophie	que eu sou intercambista”.

Sophie hesita (“tem. tem muitos. ai. não, amigos não.” L.103) e diz que só conversa com outros alunos (“mas só a gente conversa (um pouco).” L.103-104) e inicia uma narrativa de passado com estrutura semelhante à narrativa laboviana (“mas no começo eu falei com um professor que eu tinha, que eu sou intercambista,” L.104-105), onde relata a reação de um professor ao saber que ela é intercambista,

através da construção do discurso direto do professor, que fala enfaticamente (L.105-113).

Ela continua, mostrando como se sentiu (“ela fica falando de mim umas dez minutos, e eu toda vermelha,” L.113-114) e a reação de seus colegas (“todo mundo olhando pra mim. hehe. ninguém- todo mundo tava com: vergonha de falar comigo, depois.” L.114-117). Faz uma avaliação (“muito chato.” L.116) e apresenta a resolução através da construção de seu discurso direto (“eu “oh meu deus, não vai falar mais com [ninguém” L.116-117; “que eu sou intercambista.” L.119). Neste segmento, Sophie se posiciona como *outsider* no contexto escolar, tanto na construção da forma como os professores lidam com ela, quanto pela falta de amizades neste contexto.

Na sequência 27 (anexo 8), a partir da pergunta da entrevistadora, Isaac fala não somente sobre seu relacionamento com amigos e professores na escola, mas traz o contexto da sala, como Sophie.

Sequência 27a

Isaac, Entrevista 2, 19 de março de 2008

84	Fernanda	eh: lá na escola como é que é? sua relação com seus
85		amigos, [com os professores
86	Isaac	[ah é muito bom, muito bom ao princípio, é: acho
87		os primeiros três meses não foi muito bom porque, eu não
88		falava ainda muito bem o português, não entendia, e eles
89		não me entendiam a mim, então aí, e a parte, a primeira
90		sala que eu tive fue mais ou menos no chata ma oh, pode
91		ser chata, é muito tranquilo no fazia nada e tava muito
92		dividida. já tinha: é: não sei um grupo alá de quatro
93		meninas eram elas, alá tinha uno de sés meninas, três
94		meninos, três, así, tudo dividido e quase não conversava
95		daqui com a dalá então era:, no gostei muito e agora la
96		sala que estoy es quase toda a turma junta. todos
97		conversam com todos então aí é melhor.

No início da sequência, a entrevistadora pergunta como é o relacionamento de Isaac com os amigos e os professores da escola (L.84-85). Há elementos da estrutura da narrativa laboviana, mas não há ações complicadoras, já que Isaac, além de avaliar a sala de aula, traz também a sua configuração. Ele inicia com uma avaliação no presente (“[ah é muito bom, muito bom” L.86) e traz um relato (Polanyi, 1982) com a orientação de passado (“ao princípio, é: acho os primeiros três meses” L.86-87), faz a avaliação referente a este período do passado (“não foi muito bom” L.87) e passa à explicação (“porque, eu não falava ainda muito bem o

português, não entendia, e eles não me entendiam a mim,” L.87-89). Ele traz a orientação espacial (“então aí, e a parte, a primeira sala que eu tive” L.89-90), seguida da avaliação (“fue mais ou menos no chata ma oh, pode ser chata, é muito tranqüilo” L.90-91) e exemplifica, com a configuração da divisão de grupos em sala de aula (L.91-95). Ele refaz a avaliação (“então era:, no gostei muito” L.95) e traz a orientação temporal para o presente, e espacial para a turma atual (“e agora la sala que estoy” L.95-96), opondo-a à turma anterior (“es quase toda a turma junta. todos conversam com todos L.96-97) e conclui refazendo a primeira avaliação deste trecho (“então aí é melhor.” L.97).

A entrevistadora pergunta se ele mudou de colégio (L.98) e ele inicia outro relato.

Seqüência 27b

98	Fernanda	você mudou, de quê? de de colégio? [ou
99	Isaac	[no. mesmo. mas
100		yo, yo estava em segundo ano, e:: de segundo ano,
101		acabei segundo ano aqui agora comecei terceiro mas aí
102		misturaram todas (salas), eram três salas, agora fizeram
103		duas e misturaram todas então já conheci também
104		companheiros que no, colegas que no conhecia.
105	Fernanda	humhum. e os professores?
106	Isaac	hum: bom: tem um que outro professor que eu não gosto,
107		mas, em geral são bons.

Isaac traz elementos da orientação em seu relato, indicando alternância confusa do ano escolar de sua sala de aula (L.99-104). A entrevistadora, co-construindo o relato, pergunta sobre os professores (L.105) e Isaac hesita (“hum: bom:” L.106) e faz uma avaliação (“tem um que outro professor que eu não gosto, mas, em geral são bons.” L.106-107).

A entrevistadora pergunta como eles o tratam (L.108).

Seqüência 27c

108	Fernanda	e e como é que eles te tratam lá? como que é?
109	Isaac	hum: ao princípio, ninguém falava comigo também porque
110		no, ellos não falavam espanhol e eu não entendia
111		português então aí. mas agora já converso com muitos e:
112		são gente boa. ()

Isaac responde com orientação temporal (“hum: ao princípio,” L.109) seguida da explicação (“ninguém falava comigo também porque no, ellos não falavam

espanhol e eu não entendia português então aí.” L.109-111). Estabelece uma segunda orientação temporal, trazendo o relato para o presente, contrastando com o relato de passado que ele acaba de contar (“mas agora já converso com muitos e:” L.111) e conclui com uma nova avaliação (“são gente boa. ()” L.112). Podemos ver que Isaac traz suas experiências de sala de aula, na convivência com os professores, quando estava no processo de aprendizado da língua portuguesa, em situação em que também os professores não dominavam a outra língua, o espanhol.

A entrevistadora pergunta sobre o que fazem os professores quando o aluno é de fora (L.113-114).

Seqüência 27d

113	Fernanda	eles fazem alguma coisa específica, porque você é de fora?
114		
115	Isaac	muitas vezes em algumas aulas é: falam aí, e tem muita
116		muitas aulas por exemplo geografia e história falam muito
117		de méxico enton aí me estão conversando e sai méxico, a
118		palavra méxico y já preguntam para mi se tem algum
119		negócio que se eu conheço o se sei algo () e eu falo que
120		conheço o se sei alguma coisa ou no e n'aula de
121		espanhol aí yo sempre ajudo, o professor fala que soy a
122		mão derecha dele
123	Fernanda	hehe

Ele faz o relato de aulas de geografia e história (“muitas vezes em algumas aulas é: falam aí, e tem muita muitas aulas por exemplo geografia e história” L.115-116) e traz as ações, tanto dos participantes quanto as suas, em que há busca de assunto comportilhado, para sua inclusão como aluno estrangeiro, mexicano. A participação de Isaac é ativa e sua avaliação vem na fala do professor, por ele relatada (“o professor fala que soy a mão derecha dele” L.116-122). Os risos da entrevistadora são de alinhamento com a avaliação positiva de Isaac (“hehe” L.123).

Isaac mantém o turno e, mediante a pergunta da entrevistadora, passa a relatar sobre a aula de português (L.124-125).

Seqüência 27e

124	Isaac	então aí-
125	Fernanda	e na de português?
126	Isaac	português:: a professora brinca muito comigo ela. ela, no
127		ajuda muito, yo, yo no conversava com ela, por exemplo,
128		de passar de conjugar os verbos para eu aprender mais

129		no ainda não. mas aí: ela dá aula mas quase sempre dá:
130		são cinqüenta minutos de aula dá quarenta minutos de
131		aula e dez minutos conversa comigo. então-
132	Fernanda	é pouco tempo.
133	Isaac	é

Ele repete “português:” (L.126) e inicia com uma afirmativa sobre a ação de “brincar” da professora (“a professora brinca muito comigo” L.126) e traz o relato no passado, sobre a postura pedagógica da professora, com ausência de ações dialógicas e com foco na conjugação de verbos (L.126-129). Com um “mas aí:” (L.129), traz a mudança de postura da professora para o presente (“mas aí: ela dá aula mas quase sempre dá: são cinqüenta minutos de aula dá quarenta minutos de aula e dez minutos conversa comigo. então” L.129-131). A entrevistadora faz uma avaliação (“é pouco tempo.” L.132) e Isaac concorda (“é” L.133).

Na sequência 27 analisada, Isaac contrapõe sua posição de *outsider* em um primeiro momento (quando estava cursando o segundo ano e a turma toda era dividida) a um segundo momento no qual, apesar de ocupar um entre-lugar cultural, se encontra em um processo de se tornar estabelecido. Seu estabelecimento se deve ao bom relacionamento com os alunos e com os professores, auxiliando nas aulas de História e Geografia, sendo o braço direito do professor de Espanhol e tendo dez minutos da aula de Português para praticar a língua, ainda em sala de aula, como atitude pedagógica da professora. Com a negociação na postura pedagógica, tanto nas aulas de geografia e história, como na de português, Isaac já se sente melhor no entre-lugar e está em passagem para se tornar estabelecido na sala de aula.

Na sequência 28 (anexo 8), a entrevistadora também pergunta a Allan sobre a sua participação no contexto escolar (L.65).

Sequência 28

Allan, Entrevista 1, 27 de setembro de 2007

65	Fernanda	well. what about school, how is it?
66	Allan	ah. school is good. it's relatively eh: uh: boring for me right
67		now just because it's five hours listening to something you
68		don't you don't understand. i mean, i can pick up words an
69		and things like that but honestly the kids there are learning
70		it new too so the words aren't exactly gonna be, a-aren't
71		exactly gonna be known to me yet. ahm: so i i bare with it,
72		i mean i read hum some some really easy portuguese
73		things and and and just try and learn portuguese the
74		whole time very much and i i read ahm american english
75		literature which i probably shoudn't, heh but i do. hehe
76	Fernanda	hehe. so you like reading?

77	Allan	i, i do. yeah. uh: and also i i really can't do much else
78		when when i'm in class. can't take out my laptop or
79		anything. haha.

Allan inicia com duas avaliações opostas – entre positiva e negativa (“ah. school is good. it's relatively eh: uh: boring for me right now” L.66-67) e traz a explicação com foco em sua rotina apenas de escuta em sala de aula, mas sem nada entender (L.67-68) e passa a detalhar o processo de não entendimento de outra língua. Neste trecho, Allan se posiciona como um *outsider* no contexto escolar, na medida em que não consegue compreender as aulas.

A entrevistadora pergunta se ele gosta de ler (“hehe. so you like reading?” L.76) e Allan diz que sim, e segue explicando que, além de gostar de ler, ele não tem permissão para fazer outras atividades durante as aulas (L.77-79).

Na sequência 29 (anexo 11), em um trecho da segunda entrevista feita com Pat, a entrevistadora faz perguntas sobre o seu comportamento em sala de aula. Como veremos, Pat fará avaliações sobre as rotinas de sala de aula.

Sequência 29a

Pat, Entrevista 2, 20 de março de 2008

275	Fernanda	hehehe. e na escola durante as aulas, [fica conversando?
276	Pat	[hum?
277	Fernanda	na aula, na escola, [conversa?
278	Pat	[não muito não: porque: eles têm que
279		estudar, aí eu eu sei disso, então eu não não converso
280		com eles muito não, sabe? mas tem uns professores que
281		não passam nada. aí: sabe? aula de inglês teve nem-
282		nem tem aula direito hehe aí todo mundo conversa, mas
283		sabe física, coisa assim é muito difícil, aí a gente não
284		conversa, porque fica quieto. >porque todo< mundo tá tá
285		(escutando).

A entrevistadora pergunta a Pat se ela conversa durante as aulas (L.275) e ela não compreende a pergunta (“[hum?” L.276) e a entrevistadora repete (“na aula, na escola, [conversa?” L.277). Pat diz que não e inicia o detalhamento de seu comportamento em sala de aula (“[não muito não: porque: eles têm que estudar, aí eu eu sei disso, então eu não não converso com eles muito não, sabe?” L.278-280), com crítica a rotinas de professores (“mas tem uns professores que não passam nada. aí: sabe? aula de inglês teve nem- nem tem aula direito hehe aí todo mundo conversa,” L.280-282) e comenta o comportamento diferenciado em relação à disciplina de física, matéria mais difícil (L. 282-285).

A entrevistadora pergunta se ela participa das aulas de inglês (L.286).

Seqüência 29b

286	Fernanda	e como que é na aula de inglês? você partici:pa?
287	Pat	ai: ele- o professor ele é muito, ele viaja demais, sabe?
288		ele fica na frente da sala, ele fala fala fala mas ninguém
289		escuta e todo mundo fica conversando, ele não fala nada
290		não, ele só- haha ele continua haha então todo mundo só
291		conversa. mas, sabe, a prova dele é muito fácil e: >sabe,
292		todo mundo< fecha a prova hehe ninguém presta atenção
293		na aula. então é aula pra conversar mesmo hehe. eu
294		também fiz a prova hehe.

Pat inicia com uma avaliação do professor (“ai: ele- o professor ele é muito,” L.287), mas antes de concluir, interrompe e traz uma atividade do professor de “viajar” (“ele viaja demais, sabe?” L.287), que funciona como avaliação negativa. Ela prossegue, mostrando a desvalorização da aula de inglês na escola (L.288-291) até mudar o tópico para as provas, fazendo uma avaliação (“mas, sabe, a prova dele é muito fácil” L.291) e trazendo o comportamento coletivo da turma (“e: >sabe, todo mundo< fecha a prova hehe ninguém presta atenção na aula.” L.291-293). Em seguida, Pat conclui (“então é aula pra conversar mesmo hehe. eu também fiz a prova hehe.” L.293-294).

A entrevistadora prossegue, perguntando se Pat não faz as outras provas (L.295). O comentário com riso e com “né” indica que a entrevistadora já tem conhecimento prévio sobre Pat poder optar por fazer ou não as provas, como aluna de intercâmbio.

Seqüência 29c

295	Fernanda	hehe. as outras provas você não faz né?
296	Pat	eu fiz: de geometria também. aí eu ia fazer- eu ia fazer
297		de: matemática, porque: começou- ah eu tava sabe
298		copiando as coisas, aí depois de duas semanas ficou
299		muito difícil, aí eu “que isso”, tava entendendo nada hehe.
300		“ai ai tô perdida”. hehe aí eu não fiz, mas eu tentei,
301		porque matemática é mais difícil pra entender. mas acho
302		que a próxima prova eu vou fazer.

Pat responde com uma pequena narrativa (Georgakopoulou, 2007) no passado (“eu fiz: de geometria também” L. 296), passa a uma pequena narrativa projetada (“aí eu ia fazer- eu ia fazer de: matemática” L.296-297), e indica as atividades, embora o evento não tenha se realizado (“porque: começou- ah eu tava sabe copiando as coisas,” L.296-298). Pat faz uma mudança temporal (“aí depois de

duas semanas” L.298), com uma avaliação, incluindo sua própria fala como discurso direto (“ficou muito difícil, aí eu “que isso”,” L.298-299) e continua (“tava entendendo nada hehe.” L.299). Reapresenta sua fala (Tannen, 1989) como discurso direto, indicando metaforicamente a sua situação (““ai ai tô perdida”. hehe” L.300) e apresenta a resolução (“aí eu não fiz, mas eu tentei, porque matemática é mais difícil pra entender” L. 301-302) e, com um “mas” introduz uma pequena narrativa (Georgakopoulou, 2007) de futuro planejado (“mas acho que a próxima prova eu vou fazer.” L.301). Pat, com as pequenas narrativas, indica que pode ou não fazer determinadas provas, e que escolhe as provas que pretende fazer.

A entrevistadora, nesse momento, faz novamente a pergunta, agora já afirmativa, buscando confirmar se ela escolhe as provas que faz (L.303).

Seqüência 29d

303	Fernanda	você escolhe as provas que cê faz? [(barulho de caminhão ao fundo)]
304		
305	Pat	é [(barulho de caminhão ao fundo)]
306	Fernanda	matemática é mais difícil que as outras matérias ou?
307		[(barulho de caminhão ao fundo)]
308	Pat	eu acho que- eu achei muito difícil e eu também ia fazer
309		de: geografia, só que eu esqueci, eu nem estudei. aí eu
310		não fez. mas no próximo eu vou fazer hehe. mas ano
311		passado eu não fiz nada, não fiz nenhum prova, ^a de nada
312		mesmo ^a , porque eu tava aprendendo ainda.

Pat confirma com “é” (L.305) e a entrevistadora pergunta se matemática é a matéria mais difícil (L.306). Pat inicia com uma avaliação modalizada (“eu acho que- eu achei muito difícil” L.308) e passa a uma pequena narrativa (Georgakopoulou, 2007) de passado, de outro evento não ocorrido a respeito da prova de geografia, que esqueceu de fazer (“e eu também ia fazer de: geografia, só que eu esqueci, eu nem estudei. aí eu não fez.” L.308-310) e introduz uma pequena narrativa (Georgakopoulou, 2007) de futuro planejado encaixada (“mas no próximo eu vou fazer hehe.” L.310) e retorna à pequena narrativa de passado, estabelecendo a orientação temporal (“mas ano passado eu não fiz nada, não fiz nenhum prova, ^a de nada mesmo ^a,” L.310-312) até chegar à resolução, que é dada em forma de explicação (“porque eu tava aprendendo ainda.” L.312).

Na seqüência, a entrevistadora pergunta se Pat já lê em português (L.313).

Seqüência 29e

313	Fernanda	e você lê em português? lê: lê alguma coisa?
314	Pat	ah ler é mais difícil, mas. ah eu só escuto mesmo. porque

315		a apostila eu não tenho, porque ninguém quer comprar,
316		hehehe porque é muito caro.
317	Fernanda	humhum
318	Pat	ai ai eu só escuto.
319	Fernanda	mas livros assim você não lê?
320	Pat	não. porque eu não gosto ()
321	Fernanda	>não gosta<. entendi.
322	Pat	humhum
323	Fernanda	você estuda como? ou- pelo que você anota?
324	Pat	hum[hum
325	Fernanda	[você não tem as apostilas?
326	Pat	é, eu não. ai as coisas- a minhas amigas, eles faz xerox
327		das apostilas, ai eu estuda assim.
328	Fernanda	entendi. história, geografia, tudo isso cê cê estuda pela
329		apostila?
330	Pat	é.

Pat faz uma avaliação negativa (“ah ler é mais difícil,” L.314) e faz um “account” (Baker, 2001), com detalhamento de atividade (“mas. ah eu só escuto mesmo. porque a apostila eu não tenho, porque ninguém quer comprar, hehehe porque é muito caro.” L.314-316). Como a entrevistadora demonstra atenção (“humhum” L.317), Pat repete a atividade (“ai ai eu só escuto.” L.318). A entrevistadora pergunta se ela lê livros (L.319) e Pat diz que não gosta (L.320). A resposta é repetida pela entrevistadora, que mostra compreender (L.321) e Pat sinaliza sua atenção (L.322). A entrevistadora, em tom mais indagativo, pergunta se ela estuda pelo que ela anota durante as aulas (L.323) e Pat confirma que estuda pelas anotações (L.322). A entrevistadora volta a perguntar se ela não tem as apostilas (L.325) e Pat responde que não tem e remete às amigas, que fazem cópia das apostilas (“...minhas amigas, eles faz xerox das apostilas, ai eu estuda assim.” L.326-327). A entrevistadora refaz a pergunta, como forma de confirmar (“entendi. história, geografia, tudo isso cê cê estuda pela apostila?” L.328-329) e Pat confirma que tem as cópias das matérias (“é.” L.330). Com várias perguntas, a entrevistadora busca então confirmar em que medida Pat utiliza material pedagógico em português e as respostas da Pat indicam que utiliza pouco material e utiliza mais cópia de apostilas.

Como vimos, Pat assume posição crítica em relação às rotinas da sala de aula de inglês, indica a sua opcionalidade de fazer ou não as provas, como aluna de intercâmbio, e indica também que quer assumir o aprendizado do português de forma séria. Ela se mostra no entre-lugar cultural, mas ainda em posição de não se deslocar para o ambiente cultural em que se encontra, na sala de aula brasileira.

A seqüência 30 (anexo 13) é parte da segunda entrevista individual feita com Dave. Neste segmento da entrevista, os participantes estavam falando primeiro sobre a mudança de família e, em seguida, Dave conta sobre suas férias. A entrevistadora pergunta se, além de ter mudado de família, Dave mudou de escola (L.125).

Seqüência 30a

Dave, Entrevista 2, 17 de março de 2008

125	Fernanda	so you moved the school too?
126	Dave	no, i just started. the school out there.
127	Fernanda	ok
128	Dave	and i just repeated the third year.

Dave afirma que não e faz a orientação espacial (“no, i just started. the school out there.” L.126) e explica que começou o terceiro ano (“and i just repeated the third year.” L.128).

A entrevistadora faz uma pequena narrativa (Georgakopoulou, 2007) de passado, retomando conhecimento prévio, à semelhança do que ocorreu com Allan (“the third year,ok, yeah, ok. the same as allan. he did the third too but then he had to repeat.” L.129-130).

Seqüência 30b

129 130	Fernanda	the third year, ok, yeah, ok. the same as allan. he did the third too but then he had to repeat.
131 132 133 134	Dave	but i think it's good to: get a new class because you get new friends and all this but, >i don't know< in the third year i think they are too busy, like the second they: not so busy, out of school, like homeworks.

Dave toma o turno e faz uma avaliação (“but i think it's good to: get a new class” L.131) e apresenta a explicação (“because you get new friends and all this” L.131-132), seguida de uma segunda avaliação (“but, >i don't know< in the third year i think they are too busy,” L.132-133), que servirá de argumento oposto à sua primeira avaliação, comparando o segundo ano ao terceiro (“like the second they: not so busy, out of school, like homeworks.” L.133-134).

A entrevistadora demonstra compreender e pergunta se Dave já conhecia as pessoas do segundo ano (L.135-136) e Dave busca confirmar a pergunta (“if i know?” L.137).

Seqüência 30c

135	Fernanda	ok, so- so you already knew people from the second (or
136		no)?
137	Dave	if i know?
138	Fernanda	if you already knew, last year.
139	Dave	oh no i didn't talk so much with them. because last year i
140		didn't talk with so many people i was difficult with the
141		language and nobody speak english.
142	Fernanda	ok
143	Dave	so, but i have seen them and i said hi to them but not
144		talked to them. only my old classmates i was, hum, talked
145		to.

A entrevistadora reformula a pergunta, deixando explícita a orientação temporal (“if you already knew, last year.” L.138). Dave diz que não e apresenta um resumo da pequena narrativa de passado (“oh no i didn't talk so much with them.” L.139), seguido de explicação (“because last year i didn't talk with so many people i was difficult with the language and nobody speak english.” L.139-141). E expande a pequena narrativa de passado (“so, but i have seen them and i said hi to them but not talked to them. only my old classmates i was, hum, talked to.” L.143-145).

A entrevistadora pergunta então sobre os professores (L.146).

Seqüência 30d

146	Fernanda	what about the teachers there?
147	Dave	hum. some of them are funny and i like them but some of
148		them are: i don't like, but they're good.
149	Fernanda	and how, oh-a-how is your relationship with them?
150	Dave	eh:: they're always lovely when they see me and (hi me)
151		and all this and but only that and sometimes they try to
152		ask me about denmark and try to () history about
153		denmark and the world war two and how they do in maths
154		in denmark and all this, like the differences between
155		denmark and ::
156	Fernanda	ok
157	Dave	and here.

Dave responde apenas com avaliações positivas e negativas (“hum. some of them are funny and i like them but some of them are: i don't like, but they're good.” L.147-148) e a entrevistadora pergunta como é o relacionamento com eles (L.149). Ele inicia com uma avaliação positiva (“eh:: they're always lovely” L.150) e passa para uma pequena narrativa no presente (“when they see me and (hi me) and all this and but only that and sometimes they try to ask me about denmark and try to () history about denmark and the world war two and how they do in maths in denmark and all this,” L.150-154) e conclui com um resumo (“like the differences between

denmark and ::” L.154-155; “and here.” L.157), mostrando então a atitude pedagógica de alguns professores, que tentam incluí-lo nas aulas.

A entrevistadora pergunta se ele gosta da escola, aqui no Brasil (L.158), iniciando com “but”. Dave, em suas respostas, indica uma posição ambígua, entre avaliações positivas e negativas.

Seqüência 30e

158	Fernanda	but you like school here? (or no?)
159	Dave	hum::, it's boring and: >(until recently)< i don't understand,
160		and the other people need to start to just read the book,
161		>something like that<. but when they don't want to study
162		we have a lot of fun in the class.
163	Fernanda	ok
164	Dave	but it's bad for them but good for me hahaa
165	Fernanda	haha
166	Dave	but, but, now i like to go to school because my friends
167		there we: better relationship now with the students ^a
168		because i speak more portuguese ^a

Desta vez, Dave, ao responder, faz uma avaliação negativa (“hum::, it's boring” L.159) e prossegue com explicações atenuantes (“and: >(until recently)< i don't understand, and the other people need to start to just read the book, >something like that<.” L.159-161), seguidas de uma contraposição (“but when they don't want to study we have a lot of fun in the class.” L.161-162). Como a entrevistadora demonstra atenção (“ok” L.163), Dave faz a avaliação em tom de brincadeira (“but it's bad for them but good for me hahaa” L.164) e em seguida faz uma segunda avaliação (“but, but, now i like to go to school” L.166), respondendo à pergunta, e explica (“because my friends there we: better relationship now with the students ^a because i speak more portuguese ^a” L.166-168). Dave mostra ocupar um entre-lugar, no qual participa das “bagunças” em sala de aula, mas não participa das aulas, como deveria.

A entrevistadora pergunta se Dave gosta de ler (L.169)

Seqüência 30f

169	Fernanda	you like reading?
170	Dave	yaaaah, now i do. but in denmark i didn't read.
171	Fernanda	<u>really?</u>
172	Dave	yeah, but now i read and and it's good. i like very much
173		now.
174	Fernanda	and why did it change like that?
175	Dave	i don't know. because in denmark i only went to the
176		computer instead of reading (until recently) but here, i sit
177		in the classroom and reading is a good thing, a good way
178		to spend, time.

Ele responde que sim, e faz a orientação de uma pequena narrativa (Georgakopoulou, 2007) no presente (“yeaaah, now i do.” L.170), em contraste com o passado (“but in denmark i didn’t read.” L.170). A entrevistadora demonstra surpresa (“really?” L.171) e Dave reafirma sua atividade no presente (“yeah, but now i read” L.172), seguida de duas avaliações positivas (“and and it’s good. i like very much now.” L.172-173). A entrevistadora pergunta o porquê da mudança (L.174). Dave diz que não sabe e faz uma comparação entre o passado e o presente, com avaliação positiva para a mudança (“...because in denmark i only went to the computer instead of reading (until recently) but here, i sit in the classroom and reading is a good thing, a good way to spend, time.” L.175-178).

Dave se mostra ambíguo em suas respostas e, de certa forma, procura se esquivar, mas indica posicionar-se mais como *outsider* no contexto escolar. Apesar de ter um bom relacionamento com os professores e alunos, ele continua não entendendo as disciplinas por sua dificuldade com a língua portuguesa. Então, durante as aulas, ele passa a maior parte do tempo lendo e não interage com os alunos brasileiros, exceto nos momentos de desordem. Ao afirmar “but when they don’t want to study we have a lot of fun in the class.” (L.161-162), Dave se refere a “they” associado com os estudos e a “we” associado à “bagunça em sala”, quando ele se sente integrado no contexto escolar.

Ao contrário do que se espera, o contexto escolar não se mostra como um contexto produtivo para todos os intercambistas. Em suas narrativas, eles se constroem como posicionados em um entre-lugar quando se trata de conversar e “fazer bagunça” durante as aulas, mas se mostram como *outsiders* no que toca à participação efetiva nas aulas e no estudo das disciplinas. Apenas Isaac parece contribuir com aspectos relacionados “ao México” durante as aulas, quando solicitado pelos professores. A participação dos intercambistas é restrita e eles não têm necessidade efetiva de compreender as aulas, já que não precisam fazer as avaliações escolares.

6.3.

Vivenciando o cotidiano de pequenas cidades brasileiras

A vivência dos intercambistas no cotidiano das pequenas cidades mineiras traz a imersão em contextos sociais, com as rotinas do dia-a-dia, e a configuração e reconfiguração de identidades de entre-lugar. Nesta seção, seleciono os trechos das entrevistas nos quais a rotina dos intercambistas emerge como tópico.

(i) As entrevistas individuais

Na sequência 31 (anexo 3), o tópico é a rotina de Sophie. A pergunta da entrevistadora é sobre o que tem feito, como é a sua vida (L.205).

Sequência 31a

Sophie, Entrevista 2, 14 de março de 2008

205	Fernanda	e o que que cê tem feito todo dia? só- como é que tá sua vida aqui?
206		
207	Sophie	minha vida? hum acordei às seis horas foi na escola até uma hora de: tarde. depois eu (.) entro na casa, como. aí depois fica mexendo no computador: vendo filme. ler livros. e:: só. jogando as coisas.
208		
209		
210		

Sophie inicia sua resposta com uma pergunta retórica com função de hesitação (“minha vida? hum” L.207) e inicia a pequena narrativa (Georgakopoulou, 2007) de eventos freqüentes, porém inicia no passado simples (“acordei às seis horas foi na escola até uma hora de: tarde.” L.207-208) e prossegue no presente indicativo de ação freqüente (“depois eu (.) entro na casa, como. aí depois fica mexendo no computador: vendo filme. ler livros. e:: só. jogando as coisas.” L.208-210).

A entrevistadora pergunta se ela lê em português (L.211).

Sequência 31b

211	Fernanda	lê em português? ou [em:
212	Sophie	[é. em português. ah em português eu tenho, eu não, agora eu tô lendo quatro livros. dois em português e dois na min- minha língua haha
213		
214		
215	Fernanda	()
216	Sophie	mas é chato que eu quero fazer uma outra coisa.

Sophie sobrepõe sua fala, já respondendo afirmativamente (L.212). Ela começa uma nova frase, que é interrompida (“ah em português eu tenho, eu não,”

L.212-213), diz que está lendo quatro livros (L.213) e retoma o tópico sobre em qual língua está lendo (“dois em português e dois na min- minha língua haha” L.213-214). A entrevistadora diz algo incompreensível (L.215).

Sophie faz uma avaliação (“mas é chato” L.216) e inicia uma pequena narrativa (Georgakopoulou, 2007) de projeção para o futuro (“que eu quero fazer uma outra coisa.” L.216).

Seqüência 31c

217	Fernanda	que tipo de coisa?
218	Sophie	ah eu quero entrar na faculdade, fazer umas cursos de::
219		não sei. dança, dançar ou cozinhar::
220	Fernanda	aqui no brasil?
221	Sophie	humhum

A entrevistadora faz uma pergunta para dar continuidade à narrativa (L.217). Sophie continua a narrativa (“ah eu quero entrar na faculdade, fazer umas cursos de:: não sei. dança, dançar ou cozinhar::” L.218-219). A entrevistadora solicita confirmação da orientação espacial (“aqui no brasil?” L.220) e Sophie responde afirmativamente (L.221).

A entrevistadora dá continuidade, de forma colaborativa, afirmando conhecer um lugar com aula de dança por perto (L.222). Sophie e a entrevistadora passam então a uma conversa sobre danças.

Seqüência 31d

222	Fernanda	eu conheço uma: uma:: aula de dança ali perto.
223	Sophie	mesmo? é bom?
224	Fernanda	muito bom. eu fazia lá.
225	Sophie	é que dança (lá)?
226	Fernanda	todas.
227	Sophie	todas? funk também?
228	Fernanda	não, funk não (cara). não. é [mais dança de dois lá não
229		são todas não.
230	Sophie	[hahahaha
231	Fernanda	é é::
232	Sophie	é mais como sam:ba sal:sa?
233	Fernanda	é. ou dessas você não gosta?

Sophie demonstra interesse (“mesmo?” L.223) e solicita uma avaliação (“é bom?” L.223). A entrevistadora faz a avaliação (“muito bom. eu fazia lá.” L.224). Sophie pergunta que tipo de dança é ensinado (L.225) e a entrevistadora diz que “todas.” (L.226). Ela confirma e pergunta sobre um estilo específico (“todas? funk também?” L.227). A entrevistadora nega (“não, funk não (cara). não.” L.228) e refaz

a resposta (“é [mais dança de dois lá não são todas não.” L.228-229). Sophie ri (“[hahahaha” L.230), a entrevistadora hesita (“é é:” L.231) e Sophie então pergunta se “é mais como sam:ba sal:sa?” (L.232). A entrevistadora responde afirmativamente e pergunta se Sophie não gosta destes estilos (L.233).

Seqüência 31e

234	Sophie	é- não. é- hehe olha que- que burro. e- eu eu escolhi
235		brasil né? então eu fui fazendo aulas de: salsa. hehehe
236	Fernanda	hehehe
237	Sophie	cheguei aqui é SAMBA falei “nó QUE BURRO”
238	Fernanda	[hahahahaha
239	Sophie	[hahahahaha mas samba é muito difícil muito difícil gente.
240	Fernanda	o quê? samba ou salsa? ou os dois?
241	Sophie	samba o o salsa é fácil. eu aprendeu né?
242	Fernanda	samba não.
243	Sophie	^o aqui é samba ^o hehe

Sophie hesita (“é- não. é- hehe” L.234), faz uma avaliação (“olha que- que burro.” L.234) e inicia uma pequena narrativa (Georgakopoulou, 2007) de passado (“e- eu eu escolhi brasil né? então eu fui fazendo aulas de: salsa.” L.234-235), que é avaliada pelos risos (“hehehe” L.235 e 236), e cuja conclusão é apresentada por Sophie (“cheguei aqui é SAMBA” L.237) seguida da avaliação que é feita através da representação de seu próprio discurso direto (“falei “nó QUE BURRO”” L.237).

Ambas riem (L.238-239) e Sophie acrescenta uma avaliação (“mas samba é muito difícil muito difícil gente.” L.239) que a entrevistadora não compreende bem e pede confirmação (“o quê? samba ou salsa? ou os dois?” L.240). Sophie responde (“samba” L.241) e faz uma segunda avaliação (“o o salsa é fácil.” L.241), seguida de um resumo da pequena narrativa de passado (“eu aprendeu né?” L.241). A entrevistadora completa a fala de Sophie (“samba não.” L.242) e ela conclui o trecho (“^o aqui é samba ^o hehe” L.243).

Neste trecho, Sophie já se constrói como estabelecida na rotina dos brasileiros, em relação à dança. Ela retrata também um estereótipo cultural associado erroneamente ao Brasil (que é a salsa) e ri de si mesma ao perceber que deveria ter feito aulas de samba. Assim, ela reproduz um segundo estereótipo, demonstrando ter “aprendido” um aspecto cultural. No entanto, o que ela faz é apenas substituir estereótipo que não tem nenhuma relação com o Brasil, por um estereótipo que está relacionado à imagem nacional brasileira. Assim, ela tenta se reconfigurar, saindo de sua posição como *outsider*, no início do intercâmbio, e

passando a estabelecida neste momento da entrevista, já que indica que se enganou em relação às “características dos brasileiros”, mas agora já sabe caracterizá-los “corretamente”.

A seqüência 32 (anexo 6) refere-se à segunda entrevista feita com Isaac, quando ele fala de sua rotina.

Seqüência 32

Isaac, Entrevista 2, 19 de março de 2008

76	Fernanda	e: o que que vocês fazem?
77	Isaac	é, é durante a semana no muito. no tem nada para fazer
78		mas aí sexta e sábado sair a alá tem una vila onde toda a
79		gente se reúne para ah para conversar aí beber um
80		negócio assim então aí sexta e sábado sempre sair. um
81		baile,
82	Fernanda	hum
83	Isaac	churrascos, também.

Neste trecho da segunda entrevista, os participantes estavam falando sobre os amigos de Isaac e a entrevistadora pergunta o que ele e os amigos fazem (L.76). Isaac inicia seu relato com a orientação temporal (“é, é durante a semana no muito.” L.77), seguida de um resumo (“no tem nada para fazer” L.77) e inicia outra orientação temporal (“mas aí sexta e sábado sair” L.78), com orientação espacial (“a alá tem una vila onde” L.78) e as ações (“onde toda a gente se reúne para ah para conversar aí beber um negócio assim” L.78-80), e conclui (“então aí sexta e sábado sempre sair.” L.80) e enumera outras duas opções (“um baile,” L.80-81; “churrascos, também.” L.83).

Neste segmento, Isaac afirma-se como estabelecido em relação à rotina da cidade do interior, participando das atividades de fim de semana, junto de seus amigos.

A seqüência 33 (anexo 9) refere-se à rotina de Allan no período em que a segunda entrevista individual foi realizada.

Seqüência 33

Allan, Entrevista 2, 14 de março de 2008

48	Fernanda	e como é que é lá na escola?
49	Allan	ahn eu acordo aqui às (.) seis e meia:, sabe? pego café
50		de manhã, vou lá, começo às sete e sete e vinte e: (bem)
51		tenho as aulas normais, matemática, física, essas coisas,
52		até meio-dia e meia. depois vou embora, vou- vou
53		almoçar. voltar pra casa dormir, um pouco. hehe eh: só
54		isso mesmo. academia à noite.

Aqui, a entrevistadora pergunta a Allan “e como é que é lá na escola?” (L.48). Ele inicia sua pequena narrativa (Georgakopoulou, 2007) de eventos freqüentes com a orientação espacial e temporal (“ahn eu acordo aqui às (.) seis e meia:, sabe?” L.49) e segue com as ações, na seqüência em que ocorrem (L.49-53). Ele apresenta o comentário final (“hehe eh: só isso mesmo.” L.53-54) e em seguida apresenta mais uma atividade (“academia à noite.” L.54), completando o relato.

Allan apresenta-se também como estabelecido em relação à rotina dos brasileiros, em cidade do interior.

Na seqüência 34, Pat fala sobre a rotina na cidade de Cataguases, a partir da pergunta da entrevistadora (“que que você faz aqui na cidade?” L.3).

Seqüência 34

Pat, Entrevista 2, 20 de março de 2008

3	Fernanda	que que você faz aqui na cidade?
4	Pat	ah: a eu tenho aula, de segunda (a sexta tem) aí: de tarde
5		então eu fico em casa, eu <u>tento</u> estudar mas, é difícil. ah:
6		e mas eu tenho aula de tarde de segunda a sexta. eu
7		gosto porque eu não gosto de ficar em casa. aí eu sempre
8		vou lá. aí fim de semana eu venho, fico na rua andando
9		fazendo nada. hehe. mas ah, é só isso. tem um clube que
10		eu vou lá muito, tem uma piscina, minhas amigas. é só
11		isso. não tem muito pra fazer aqui hehehe

Ela inicia fazendo o relato com a orientação temporal de presente, marcando também como ação freqüente (“ah: a eu tenho aula, de segunda (a sexta tem)” L.4). Continua com uma ação na sequência temporal (“aí: de tarde então eu fico em casa, eu tento estudar” L.4-5) e então faz uma avaliação negativa (“mas, é difícil. ah:” L.5). Acrescenta outra atividade escolar (“e mas eu tenho aula de tarde de segunda a sexta.” L.6), seguida de outra avaliação para a qual apresenta uma explicação (“eu gosto porque eu não gosto de ficar em casa.” L.6-7). Volta às atividades rotineiras (“aí eu sempre vou lá. aí fim de semana eu venho, fico na rua andando fazendo nada. hehe.” L.7-9), e conclui (“mas ah, é só isso.” L.9) e mais uma vez acrescenta atividades rotineiras (“tem um clube que eu vou lá muito, tem uma piscina, minhas amigas.” L.9-10). Retoma o comentário final e avalia (“é só isso. não tem muito pra fazer aqui hehehe” L.10-11).

Neste trecho, Pat apresenta-se como estabelecida, em relação à rotina das pessoas com as quais convive.

Após a pergunta da entrevistadora sobre a cidade onde Dave mora, ele apresenta características da cidade e das pessoas, na sequência 35.

Sequência 35a

Dave, Entrevista 2, 17 de março de 2008

287 288	Fernanda	what about the city here what can you tell me about the city?
289 290 291 292 293 294 295 296	Dave	the city is small but the people, everybody know each other, that do:, that it gets a good atmosphere, people know each other say hi, everybody sits at the streets and, but they don't have so many things to do here like we have the club where you can go play and swim and we have lan house but we () don't have cinemas, shoppings, it's a small city, but the peole is great here. it's been better than a big city where nobody knows each other.

Ele inicia com uma avaliação da cidade (“the city is small” L.289), passa à caracterização das pessoas, como conhecidas entre si (“but the people, everybody know each other, that do:,” L.289-290) e faz uma avaliação (“that it gets a good atmosphere,” L.290). Volta a falar sobre as pessoas de Ponte Nova (“people know each other say hi, everybody sits at the streets and, but they don't have so many things to do here” L.290-292). Muda o tópico para as opções de lazer da cidade, apresentando pontos positivos e negativos da cidade (L.292-294). Retorna à avaliação tanto da cidade quanto das pessoas (“it's a small city, but the peole is great here.” L.295) e conclui com uma avaliação comparativa (“it's been better than a big city where nobody knows each other.” L.295-296). Dave traz categorizações sobre as pessoas e a cidade do interior

É interessante notar que ele inicia o trecho explicitando uma característica negativa da cidade e colocando-se como *outsider* (“**they** don't have so many things to do here” L.292). Em seguida, ele posiciona-se como estabelecido e apresenta as características positivas da cidade (“**we** have the club” L.292-293; “**we** have lan house” L.293-294). Para concluir, ele apresenta outro aspecto negativo, mas mantendo-se como estabelecido (“we () don't have cinemas, shoppings,” L.294). Assim, ao colocar-se ora como estabelecido, ora como *outsider*, Dave acaba posicionando-se em um entre-lugar.

A entrevistadora pergunta se ele gosta da cidade (L.297) e ele diz que sim (L.298).

Seqüência 35b

297	Fernanda	ok. so, you mean, you like <u>here</u> .
298	Dave	yeah
299	Fernanda	because i think you told me it was very boring.
300	Dave	yeah. in the beginning i tol- i said that, yes, eh: but now i
301		think it's better. cause now i know more people, do more
302		things, () and it's better now, but it's not like bh for
303		example.
304	Fernanda	ok
305	Dave	but people is it's great here, they're lovely.

A entrevistadora retoma como pequena narrativa partilhada, com o que Dave contou na primeira entrevista, quando ele disse que a cidade era muito chata, fazendo, portanto, uma referência (L.299) e Dave confirma, dando a orientação de passado (“yeah. in the beginning i tol- i said that, yes, eh:” L.300) e inicia uma pequena narrativa (Georgakopoulou) no presente, que se contrapõe à pequena narrativa de passado. Ele inicia com a orientação temporal seguida de uma avaliação comparativa (“eh: but now i think it's better.” L.300-301), cita duas razões para ter mudado de opinião (“cause now i know more people, do more things,” L.301-302), refaz a avaliação (“() and it's better now,” L.302) e conclui comparando Ponte Nova e Belo Horizonte (“but it's not like bh for example.” L.302-303). A entrevistadora demonstra atenção (“ok” L.304) e Dave finaliza rerepresentando a avaliação sobre as pessoas da cidade (“but people is it's great here, they're lovely.” L.305).

Neste segundo trecho Dave faz uma comparação a partir de narrativa anterior, enquanto *outsider*, ao chegar na cidade, e como estabelecido, no momento da entrevista, após conhecer a cidade e as opções que ela oferece.

6.4.

A língua portuguesa

O processo de aprendizagem da língua portuguesa, importante para a socialização destes intercambistas nos contextos socioculturais em que interagem, aparece recorrentemente como tópico selecionado tanto pela entrevistadora quanto pelos entrevistados. Na seção 6.2- A participação na escola, surgiram várias situações, em que os estudantes ora posicionavam-se como *outsiders* em relação ao processo de aprendizagem do português, ora no entre-lugar entre sua língua

materna e o português. Nesta seção, retomamos as questões com mais especificidade, nas entrevistas em grupo e individuais.

(i) A entrevista com o grupo

Na sequência 36, na entrevista em grupo (anexo 1), a entrevistadora faz perguntas iniciais e intermediárias (L.50, 55, 57), mas há co-construção com a participação de todos. O tópico introduzido pela entrevistadora era sobre as famílias no Brasil, que receberam os estudantes em suas casas. Os intercambistas co-constroem suas dificuldades relativas ao não domínio da língua, bem como o papel de suas famílias brasileiras como facilitadoras do processo de aprendizagem do português.

Sequência 36a

Entrevista em Grupo, 27 de setembro de 2007

50	Fernanda	what about your families here?
55	Fernanda	(is there someone at) the same age as you?
57	Fernanda	what about the others?
58	Isaac	my family in brazil is very different to mexico. for example,
59		my father is too crazy, my brazilian father is too crazy.
60	Todos	hehehe
61	Isaac	we are going to the street and and he shouts "ma filio
62		mexicano".
63	Todos	hehehe
64	Isaac	he is too crazy. >but he is good.<
65	Allan	and and my my family they ahm, just speak portuguese,
66		so, ahm, for me coming here and not speaking any
67		portuguese at all, ahm, the first month, ahm, and beginning
68		period was very very difficult and ahm, you're constantly
69		tired because it takes so much concentration to try and pay
70		attention and and try and learn the words while you're
71		trying to understand what, what just the general messages
72		they are trying to get across, looking at all the different
73		signals and what you have to do with the, ahm, hehe,
74		when there's nothing you could say, it's all you know, hand
75		gestures and:
76	Pat	yeah
77	Allan	you have to pay attention to every detail every <u>sole</u>
78		movement, everything. and people would always say "oh,
79		sempre cansado". hehe because i i was just always tired
80		because it's so hard to pay attention i believe sophie the
81		other the other belgium girl i think she was always she was
82		always very tired i had to eat i had to eat a lot to keep, er,
83		keep energy up.
84	Fernanda	did you have any problem, with that?
85	Allan	it wasn't really a problem, i mean (.) you learn. it takes
86		time, it's difficult but, in the end it all works out.

Após Isaac comentar sobre seu pai brasileiro (L.58-59), Allan toma o turno para falar da situação de convivência com sua família, com foco específico no uso

da língua portuguesa. Ele inicia com uma afirmativa sobre a situação da família falar somente em português (“and and my my family they ahm, just speak portuguese,” L.65) e então relata a orientação temporal na chegada, e descreve a situação que gera a dificuldade de interação em português (“so, ahm, for me coming here and not speaking any portuguese at all, ahm,” L.66-67). Ele faz uma orientação temporal (“the first month, ahm, and beginning period” L.67-68), seguida da avaliação (“was very very difficult” L.68). Passa à explicação sobre como se sentia na situação de interação com uso do português (“and ahm, you’re constantly tired” L.68-75). Allan é interrompido por Pat, que se alinha com Allan (“yeah” L.76). Ele retoma o turno, continuando o detalhamento da situação de tensão (“you have to pay attention to every detail every sole movement, everything.” L.77-78) e inclui outros participantes, construindo o discurso direto (“and people would always say “oh, sempre cansado”. hehe” L.78-79) e se incluindo na situação (“because i i was just always tired” L.79) (Tannen, 1989). Volta às razões (“because it’s so hard to pay attention” L.80) e então inclui outros estudantes em seu relato para reforçar sua argumentação (“i believe sophie the other the other belgium girl i think she was always she was always very tired” L.80-82) e finaliza com sua posição (“i had to eat i had to eat a lot to keep, er, keep energy up.” L.82-83). A entrevistadora pergunta se Allan teve algum problema com a situação (“did you have any problem, with that?” L.84). Allan responde que não foi um problema, apesar de ter sido difícil (L.85-86).

Marie toma o turno para manifestar sua posição (“i think if you have a portuguese, a family who just talks portuguese you learn faster.” L.87-88). Na seqüência da interação, Marie e Allan passam então a discutir com posições diferenciadas: para Marie, quando a família fala português, a aprendizagem é mais rápida. Para Allan, é uma situação difícil.

Seqüência 36b

87	Marie	i think if you have a portuguese, a family who just talks
88		Portuguese you learn faster.
89	Allan	yeah.
90	Marie	because=
91	Allan	=but it’s so hard, hehe=
92	Marie	=yeah. (.) you go make friends much faster because you
93		can talk to them in their own language.
94	Allan	right.
95	Marie	you can talk to people you don’t know.
96	Allan	yeah.
97	Marie	if somebody ask you something on the street you can
98		answer. hum ()

Allan concorda (“yeah.” L.89). Marie retoma o turno (“because=” L.90), mas é interrompida por Allan, que defende sua posição (“=but it’s so hard, hehe=” L.91). Marie manifesta concordância com Allan (“=yeah. (.)” L.92) e prossegue para defender sua posição (“you go make friends much faster because you can talk to them in their own language.” L.92-93). Allan concorda novamente (“right.” L.94), Marie reapresenta sua argumentação (“you can talk to people you don’t know.” L.95) e Allan concorda (L.96). Marie amplia seus argumentos para contexto além do familiar (“if somebody ask you something on the street you can answer. hum ()” L.97-98).

A entrevistadora pergunta se Marie já passou por alguma situação, como mencionada em sua fala (L.99-100).

Seqüência 36c

99 100	Fernanda	did you face any specific situation involving this kind of problem?
101 102 103 104	Marie	ahm, i understand more now than in the beginning but it's still difficult to talk. when somebody asked me something on the street it was like, hehehe go away i don't understand you. hehehe.
105	Fernanda	did did you did any of you face anything like that?
106	Marie	yeah. i.
107	Todos	hehehe
108	Fernanda	how was it?
109 110 111 112	Marie	i was i was looking eh, eh at the window of a shop and a lady was talking to me and i was like hum, i was watching and i wanted to turn around and she was like ah:::, you aren't responding and i was thinking ah:::, go away.
113	Todos	hehehe
114	Fernanda	oh god.

Marie compara o momento presente no intercâmbio com o da chegada (“ahm, i understand more now than in the beginning” L.101) e faz uma avaliação sobre a dificuldade de falar (“but it’s still difficult to talk.” L.101-102). Ela apresenta uma situação hipotética, como exemplo da dificuldade de entendimento no contexto cotidiano (“when somebody asked me something on the street it was like, hehehe go away i don’t understand you. hehehe.” L.102-104) e a entrevistadora pergunta se algum dos intercambistas já passou por uma situação dessas (L.105). Marie responde afirmativamente (“yeah. i.” L.106), todos riem (“hehehe” L.107) e a entrevistadora pergunta a ela como foi (L.108). Marie inicia uma narrativa de passado, apresentando a orientação espacial (“i was i was looking eh, eh at the

window of a shop” L.109) e os participantes da situação – ela e uma mulher desconhecida; a ação complicadora surge no momento em que ela não respondia (“and a lady was talking to me and i was like hum, i was watching and i wanted to turn around and she was like ah:::, you aren’t responding and i was thinking ah:::, go away.” L.109-112). Todos riem (L.113), a entrevistadora faz uma avaliação (“oh god.” L.114).

Allan se auto-seleciona para narrar, e faz o resumo de uma pequena narrativa de passado (“i once once had a problem with coco and cocô.” L.115).

Seqüência 36d

115	Allan	i once once had a problem with coco and cocô.
116	Todos	hehehe
117	Allan	because that that’s so close and in in in english there’s really nothing you, like you know, pronounce a word differently and you mean something totally different. so like i mean, go to order a drink on the beach and you say i’d like to- ah, you know.
118		
119		
120		
121		

Todos riem, já que a narrativa envolve a diferenciação entre palavras de contextos diferentes (L.116). Allan não desenvolve a narrativa e explica a diferenciação, comparando português e inglês (“because that that’s so close and in in in english there’s really nothing you, like you know, pronounce a word differently and you mean something totally different.” L.117-119) e traz uma situação hipotética, em tom jocoso (“so like i mean, go to order a drink on the beach and you say i’d like to- ah, you know.” L.119-121), que já faz parte do conhecimento compartilhado dos participantes.

Como vimos, Allan e Marie narram sua chegada no Brasil, quando eles se posicionam como *outsiders* e o processo de adaptação, principalmente em relação ao uso da língua portuguesa. Embora a entrevista seja feita em inglês, eles já se posicionam em um entre-lugar, se comparado ao momento de chegada e vendo o quanto eles já são capazes de se envolver nos eventos comunicativos. Marie se mostra mais flexível no aprendizado do português no contexto familiar, que se amplia para outros contextos.

(ii) As entrevistas individuais

A seqüência 37 (anexo 3), a ser analisada, a seguir, está inserida na segunda entrevista individual com Sophie. A entrevistadora se lembra que Sophie

havia comentado, através de um programa de chat, que o português estava chato e faz a pergunta a partir desse conhecimento prévio e partilhado (L.128-129).

Sequência 37

Sophie, Entrevista 2, 14 de março de 2008

128	Fernanda	o português. não sei se era a aula. você tava falando da
129		aula ou você tava falando de falar português?
130	Sophie	não. eu adoro falar português. é porque eu fala bem
131		também, mas ah. esse é o problema. porque tem muito,
132		muito gente de minha sala e de outros também que, um
133		peessoa tá falando comigo e o outra pessoa amigo dele
134		fala “ah com quem você tá falando? você está falando
135		com uma intercambista, ela não entende”. eu claro que
136		sim, claro que entende, só tem alguns problemas. tem
137		que explicar, né? aí eles ficam rindo de mim mas quando
138		eu fala português eles, eles fala mais nada. hahaha
139	Fernanda	hahaha
140	Sophie	aí esse é chato. e também, quando eu fala que eu sou
141		intercambista, tem muita gente fala mais DE-VA-GAR E
142		MA-IS COM-PLI-CA-DO também fazem as coisas com
143		mãos e não entende. [hehehe
144	Fernanda	[hehehe. e aí fica mais difícil.
145	Sophie	é fica- eu fica olhando assim e ri demais, nó.
146	Fernanda	hehehe
147	Sophie	eles acham que eu sou burro [hehehe
148	Fernanda	[hehehe. ai, ai.
149	Sophie	()

Sophie redireciona sua resposta com “não” e faz avaliação positiva sobre falar português e afirma que fala bem (“não. eu adoro falar português. é porque eu fala bem também,” L.130-131) e passa a tratar do que considera um problema (“mas ah. esse é o problema.” L.131), que coloca na interpretação de outras pessoas, sobre como ela fala o português. Ela constrói a situação através do discurso direto (Tannen, 1989) como forma de mostrar a interferência de pessoas desconhecidas na interpretação de seu uso da língua portuguesa (“porque tem muito, muito gente de minha sala e de outros também que, um pessoa tá falando comigo e o outra pessoa amigo dele fala “ah com quem você tá falando? você está falando com uma intercambista, ela não entende.” L.132-135). Em seguida, apresenta sua posição (“eu claro que sim, claro que entende, só tem alguns problemas. tem que explicar, né?” L.135-137) seguida da finalização (“aí eles ficam rindo de mim mas quando eu fala português eles, eles fala mais nada. hahaha” L.137-138). A entrevistadora ri (L.139) e Sophie mantém o turno. Ela faz uma avaliação (“aí esse é chato.” L.140) e relata uma segunda situação (“e também, quando eu fala que eu sou intercambista,” L.140-141) também com atribuição à fala do outro (“tem

muita gente fala mais DE-VA-GAR E MA-IS COM-PLI-CA-DO também fazem as coisas com mãos e não entende. [hehehe” L.141-143). A entrevistadora faz a avaliação (“[hehehe. e aí fica mais difícil.” L.144), Sophie concorda (“é fica- eu fica olhando assim e ri demais, nó.” L.145) e conclui com outra avaliação (“eles acham que eu sou burro [hehehe” L.147).

Sophie se vê como estabelecida, porém sinaliza ocupar um entre-lugar cultural, na medida em que, apesar de falar bem o português (como ela mesma afirma), é reconhecida por “outros”, com quem conversa, como “intercambista”.

A seqüência 38 (anexo 7) refere-se ao uso do português por Isaac durante o intercâmbio, na terceira entrevista individual., que foi feita quando ele já tinha retornado para o México.

Seqüência 38

Isaac, Entrevista 3, 05 de agosto de 2008

345	Fernanda	humhum. e você conseguiu aprender muitas coisas nas aulas de português?
346		
347	Isaac	hum:: mais ou menos.
348	Fernanda	hehe. mais ou menos?
349	Isaac	acho que aprendi mais falando, falando em minha casa, na rua com meus amigos, que eles me falavam “você tá errado. tem que falar assim”.
350		
351		
352	Fernanda	hum. entendi. e você teve algum, algum problema, passou por alguma situação difícil, por causa da língua?
353		
354	Isaac	no, graças a deus, no.
355	Fernanda	e: quando você tava aqui no brasil você conseguia fazer de tudo, assim, atender telefone, ler, escrever?
356		
357	Isaac	si, quando eu estava aí no brasil, li livros em português e a () em português, atendia o telefone, sempre.
358		
359	Fernanda	humhum. é: ouvia música, rádio?
360	Isaac	hum. acho que escutava mais minhas músicas de meu ipod.
361		
362	Fernanda	humhum. e: as músicas que você tinha eram: em português ou eram: em espanhol?
363		
364	Isaac	espanhol, inglês e umas poucas em português.

A entrevistadora pergunta se Isaac aprendeu muitas coisas nas aulas de português (L.345-346). Ele hesita e responde que “mais ou menos” (L.347). A entrevistadora repete sua resposta, com riso (L.348). Ele foca seu relato na aprendizagem do português no cotidiano (“acho que aprendi mais falando,” L.349), e cita situação de diálogo com as pessoas (“falando em minha casa, na rua com meus amigos, que eles me falavam “você tá errado. tem que falar assim” L.349-351). A entrevistadora demonstra compreender (L.352) e pergunta se ele teve alguma dificuldade, por causa da língua (L.352-353). Ele diz que não (“no, graças a deus,

no.” L.354) e a entrevistadora pergunta sobre suas habilidades em língua portuguesa e se ele conseguia fazer de tudo (L.355-356). Ele responde que sim e menciona atividades que fazia em português (“li livros em português e a () em português, atendia o telefone, sempre” L.357-358).

A entrevistadora pergunta se ele ouvia música e rádio (L.359) e ele diz que em geral ouvia suas músicas do *ipod* (L.360-361). A entrevistadora pergunta em que língua eram as músicas (L.362-363) e Isaac diz que eram em “espanhol, inglês e umas poucas em português.” (L.364).

Isaac se posiciona como estabelecido em relação às questões lingüísticas. Ele demonstra ter conseguido estabelecer comunicação em diversos meios, de diferentes maneiras, construindo-se como estabelecido em relação à interação.

A seqüência 39 (anexo 9) traz a visão de Allan sobre seu aprendizado e uso da língua portuguesa no decorrer do intercâmbio, na segunda entrevista individual, quando ele ainda estava no Brasil.

Seqüência 39

Allan, Entrevista 2, 14 de março de 2008

321	Fernanda	e a língua? português como é que tá?
322	Allan	hum. não sei, sabe. difícil ainda. eu acho, às vezes, sabe.
323		que eu te contei, lá na lá na aula. é difícil hehe mas eu
324		peguei, eu peguei bem eu achei, sabe. tô falando quase
325		direitinho. muita, muita gente fala comigo que eu não
326		tenho sotaque, essas coisas. e eu tô tô muito feliz com
327		isso porque além eu quero fazer relações internacionais
328		na faculdade. eu acho que vai vai me ajudar muito. não
329		sei se eu vou ter relações com o com o brasil, mas além
330		do português é parecido com o espanhol, com o francês
331		então dá pra pegar outras línguas, né, agora.

A entrevistadora pergunta a Allan a respeito da língua portuguesa (L.321). Ele hesita e faz uma avaliação (“hum. não sei, sabe. difícil ainda. eu acho, às vezes, sabe.” 322). Ele faz uma recontagem de pequena narrativa encaixada, em forma de referência (Georgakopoulou, 2007) (“que eu te contei,” L.323) e dá a orientação da recontagem (“lá na lá na aula.” L.323). Repete a avaliação (“é difícil hehe” L.323) e afirma (“mas eu peguei, eu peguei bem eu achei, sabe.” L.323-324). Faz uma avaliação (“tô falando quase direitinho.” L.324-325) e justifica, construindo o discurso indireto (Tannen, 1989) de pessoas não definidas (“muita, muita gente fala comigo que eu não tenho sotaque, essas coisas.” L.325-326). Faz uma terceira avaliação (“e eu tô tô muito feliz com isso” L.326-327) e introduz uma pequena

narrativa (Georgakopoulou, 2007) de futuro planejado (“porque além eu quero fazer relações internacionais na faculdade.” L.327-328). Faz uma quarta avaliação (“eu acho que vai vai me ajudar muito.” L.328) e retoma a pequena narrativa de futuro (“não sei se eu vou ter relações com o com o brasil,” L.328-329). Apresenta a sua possibilidade de aprender as outras línguas, relacionando português, espanhol e francês (L.329-331).

Allan sinaliza o entre-lugar ocupado por ele em relação à língua portuguesa, mas avalia de forma positiva o aprendizado do português, por suas semelhanças com o espanhol e o francês.

A seqüência a seguir está inserida na segunda entrevista individual feita com Pat, quando ela ainda estava no Brasil. A entrevistadora pergunta à Pat que língua ela usa em seu cotidiano.

Seqüência 40

Pat, Entrevista 2, 20 de março de 2008

18	Fernanda	vocês conversam em que língua?
19	Pat	todo mundo quer falar inglês comigo porque todo mundo
20		me fala “oh mas você fala inglês” aí eu é “mas eu falo
21		português” hehe aí eu tenho que falar português porque
22		eu não gosto de falar inglês não, porque eu quero
23		aprender mais. aí todo mundo “ah mas você já <u>sabe</u> falar”
24		aí eu falo “é mas eu quero aprender mais” hehe então eu
25		() falo português.
26	Fernanda	legal. e como é que foi aprender português (aqui)?
27	Pat	foi difícil, mas eu acho que eu aprendi rapidão. porque::
28		eu estudei espanhol também, aí eu acho que ajudou.
29	Fernanda	estudou espanhol antes de vir?
30	Pat	aham. dois anos só. mas eu acho que ajuda muito. aí:
31		todo mundo queria falar inglês comigo, mas eu sempre eu
32		“não, falo português, eu falo português”.

Pat faz uma afirmativa “todo mundo quer falar inglês comigo” (L.19) e apresenta explicações, mediante construção do discurso direto das pessoas e do seu próprio (Tannen, 1989) (“porque todo mundo me fala “oh mas você fala inglês” aí eu é “mas eu falo português” hehe aí eu tenho que falar português porque eu não gosto de falar inglês não, porque eu quero aprender mais. aí todo mundo “ah mas você já sabe falar” aí eu falo “é mas eu quero aprender mais” hehe” L.19-24) e conclui (“então eu () falo português.” L.24-25). A entrevistadora faz uma avaliação (“legal.” L.26) e pergunta “e como é que foi aprender português (aqui)?” (L.26). Pat faz uma avaliação (“foi difícil,” L.27), seguida de uma posição, seguida de explicações (“mas eu acho que eu aprendi rapidão. porque:: eu estudei espanhol também,” L.27-

28) e conclui (“aí eu acho que ajudou.” L.28). A entrevistadora busca confirmar (“estudou espanhol antes de vir?” L.29) e ela responde afirmativamente, acrescentando o período de tempo em que estudou espanhol (L.30). Refaz a avaliação (“mas eu acho que ajuda muito.” L.30) e reafirma o foco no “outro”, na preferência de falar em inglês (“aí: todo mundo queria falar inglês comigo, mas eu sempre eu “não, falo português, eu falo português”. L.30-32).

Apesar de considerar-se estabelecida em relação à língua portuguesa, Pat acaba construindo-se de forma ambígua, entre *outsider* e um entre-lugar, ao atribuir ao “outro” a preferência por falar em inglês e não posicionar-se de forma mais conclusiva.

Dave é o único intercambista que não fala português com a entrevistadora em nenhum momento. A seqüência a seguir, inserida na segunda entrevista individual, relaciona-se à construção de Dave sobre o uso das línguas portuguesa e inglesa durante o intercâmbio.

Seqüência 41a

Dave, Entrevista 2, 17 de março de 2008

179	Fernanda	in which language do you read?
180	Dave	in danish and english, (but more in danish).
181	Fernanda	not in portuguese?
182	Dave	no
183	Fernanda	<u>nothing?</u>
184	Dave	no
185	Fernanda	oh
186	Dave	but then i:, portuguese classes two times a week, and,
187		(choice) in a english school.
188	Fernanda	yeah
189	Dave	and my sister and brother try to to teach me too.

A entrevistadora pergunta a Dave em que língua ele lê (L.179) e ele responde que na maioria das vezes lê em dinamarquês e às vezes lê em inglês (L.180). A entrevistadora pergunta se ele não lê em português (L.181) e ele diz que não (L.182). Ela demonstra espanto, perguntando se ele não lê nada em português (L.183) e mais uma vez ele afirma que não (L.184). Novamente a entrevistadora demonstra espanto (L.185), e Dave mantém o turno, relatando que tem aulas de português duas vezes por semana em um curso de inglês (L.186-187). A entrevistadora demonstra atenção (L.188) e Dave menciona que sua irmã e seu irmão tentam ensinar português para ele (L.189).

A entrevistadora pergunta se ele só usa o português com alguns amigos (L.190).

Seqüência 41b

190	Fernanda	but you you don't use it usually, just with some friends?
191	Dave	hum, i, i yeah i use, with my mom: and my sisters (for
192		example) everyday here, but when i go to the streets i
193		need to use and in the english school they say "don't
194		speak english with dave only portuguese", so i don't use
195		so much only with my sisters and brothers when it's
196		important things like if i need to go out and to do things,
197		they need to know and check it so we don't misunderstood
198		each other.

Ele afirma que usa com sua mãe e suas irmãs (L.191-192), e inicia uma narrativa encaixada, com foco em contexto nas ruas, com a orientação espacial e temporal ("but when i go to the streets" L.192) e afirma que precisa usar o português, às vezes (L.192-193). Acrescenta a orientação espacial escolar ("in the english school" L.193), seguida da construção do discurso direto (Tannen, 1989) das pessoas do curso ("they say "don't speak english with dave only portuguese"," L.193-194) e apresenta a conclusão ("so i don't use so much" L.194-195). Retoma sua afirmativa inicial das linhas 191 e 192 ("only with my sisters and brothers when it's important things" L.195-196) e comenta sobre a necessidade de comunicação quando ele quer sair e precisa deixar claro para onde vai ("like if i need to go out and to do things, they need to know and check it so we don't misunderstood each other." L.196-198).

Dave demonstra-se como *outsider*, pelo fato de utilizar a língua inglesa para quase todas as interações. Ele afirma, no entanto, ter dificuldade para aprender o português, comenta esforços de "outros" para que ele aprenda, mas, em contrapartida, não assume posicionamento próprio para usar a língua portuguesa como forma de interação.

No capítulo 6, vimos o posicionamento dos intercambistas em relação a suas famílias brasileiras, à participação na escola, à convivência no dia-a-dia e à aprendizagem e ao uso da língua portuguesa.

Num primeiro momento, os intercambistas apresentam suas famílias brasileiras em comparação com suas famílias de origem, ressaltando semelhanças e diferenças. Os estudantes que mudam de família no decorrer do intercâmbio tendem a apresentar a segunda e a terceira famílias brasileiras em comparação

com a primeira família brasileira com a qual conviveu no início do intercâmbio. Com exceção de Pat e Dave, que se mostram como *outsiders* em suas primeiras famílias, os demais intercambistas se apresentam como estabelecidos em suas famílias brasileiras, mas demonstram se sentir mais “em casa” com as últimas famílias que os acolheram, mostrando assim um processo de “adaptação” ao estilo de vida das famílias brasileiras.

Em relação à convivência no ambiente escolar, inicialmente ressalta-se a alocação dos intercambistas de forma aleatória, não havendo um padrão de orientação pedagógica para os mesmos. Allan e Dave são alocados no terceiro ano do Ensino Médio e têm que repetir o terceiro ano, no ano seguinte. Marie é alocada no segundo ano do Ensino Médio, e tem que repetir o segundo ano, no ano seguinte. Sophie, Isaac e Pat começam no segundo ano do Ensino Médio e passam para o terceiro ano, no ano seguinte.

A falta de domínio da língua portuguesa por parte dos intercambistas é relatada como fator que gera a desmotivação na participação em sala. Além disso, os intercambistas não precisam fazer as avaliações escolares, não tendo que estudar para as mesmas.

Com o passar do tempo, os intercambistas começam a ocupar um entrelugar, na medida em que passam a dominar a língua portuguesa e a compreender tanto os professores quanto os colegas de sala, podendo então interagir com os mesmos dentro e fora da sala. Alguns professores, por sua vez, tentam encontrar espaços para a participação dos intercambistas, facilitando a interação e ajudando-os a se inserir no contexto escolar.

Em relação à vida no dia-a-dia das pequenas cidades mineiras, os intercambistas se mostram como *outsiders*, ressaltando a falta de atividades de lazer nas pequenas cidades. No decorrer do intercâmbio, todavia, na medida em que fazem amigos e conhecem as cidades e as pessoas que ali habitam, posicionam-se como estabelecidos e passam a viver de acordo com o estilo de vida destas cidades.

O aprendizado da língua portuguesa também é ressaltado como aspecto de socialização relevante para os intercambistas. Marie e Allan discutem o papel da família na aprendizagem da língua. Marie defende que quando a família só fala em português, o intercambista aprende mais rápido, enquanto Allan acredita que o fato de a família não saber falar inglês para se comunicar com o intercambista em

um primeiro momento, dificulta a convivência com a família. Na medida em que aprendem a língua, os intercambistas vão se tornando mais estabelecidos. A exceção é Dave, que não busca aprender a língua portuguesa, apesar do esforço de “outros” para que ele aprenda, o que faz com que seja sempre um *outsider*, em relação ao aspecto comunicativo.